

Francisca Vilani de Souza (Org.)

# Educação:

## Direito, Autonomia e Prática Social



 Pedro & João  
editores

# **Educação:**

## **Direito, Autonomia e Prática Social**



**Pedro & João**  
editores



**Francisca Vilani de Souza**  
**(Organizadora)**

**Educação:**  
**Direito, Autonomia e Prática Social**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Francisca Vilani de Souza [Org.]**

**Educação: Direito, Autonomia e Prática Social.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 81p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-0773-5 [Digital]**

1. Direito à educação. 2. Educação para autonomia. 3. Prática social. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Petricor Design

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2023

## APRESENTAÇÃO

Produzir conhecimento é um processo necessário e nasce das necessidades de construir novas abordagens e, assim, ampliar o universo de descobertas. O ebook **EDUCAÇÃO: DIREITO, AUTONOMIA E PRÁTICA SOCIAL** reúne textos que discutem diferentes abordagens da Educação e destaca informações pertinentes no que se refere a educação. Vários pesquisadores trazem sua contribuição para essa construção. O ebook está organizado em cinco capítulos os quais são apresentados aqui de forma sucinta.

O capítulo um - O trabalho psicopedagógico na inclusão do aluno autista: percepções de professores da rede privada de ensino em Mossoró/RN. Aqui os autores discutem as relações psicopedagógicas de formação e aprendizagem estabelecidas entre os profissionais do ensino da educação infantil e crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA.

No capítulo dois - O lúdico no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. As autoras destacam que as brincadeiras têm a competência de educar, reeducar, transformar, e envolver a criança dentro de um universo sócio educacional.

No capítulo três – O desafio da reforma: educar para si e para o mundo. As autoras discutem considerações sobre livro "A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento" de Morin (2003). São enfatizados os desafios para que se estabeleça uma ampla reforma do pensamento acadêmico rumo a uma democracia cognitiva. E constata-se a inadequação entre os saberes escolares, separados em disciplinas e os problemas e desafios da humanidade que são complexos, transdisciplinares, multidimensionais, globais, planetários.

No capítulo quatro - Práticas docente: relatos de experiências, as autoras trazem informações precisas sobre a experiência, O registro em forma de narrativa procura fazer visíveis e pensáveis

questões educativas que, por meio do narrar estruturam os momentos vividos. Permitindo que o público tire suas próprias conclusões sobre a mesma, ou seja, dá a chance de percorrer um caminho trilhado e, com isso, ter um olhar observador sobre a profissão.

O capítulo cinco - Ensino antirracista: uma proposta de atividades didáticas com filme e/ou documentário destaca a necessidade de repensar as estratégias de ensino adotadas em sala de aula, vislumbrando possibilidades de melhoramento das atividades desenvolvidas. A abordagem pedagógica do uso de filmes por sua vez, situa-se dentro dessas práticas e pode ser utilizada sob diferentes enfoques, haja vista as mudanças que se operam na sociedade e na educação como um todo.

## SUMÁRIO

**CAPÍTULO 01 - O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO NA INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA REDE PRIVADA DE ENSINO EM MOSSORÓ/RN** 9

José Ronivaldo de Queiroz  
Cleverson Marcelino Lopes da Costa  
Héber Medeiros Monteiro  
Paulo Sérgio de Souto  
Raylson Silva de Souza  
Francisca Vilani de Souza

**CAPÍTULO 02 - O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL** 25

Edilene Virgino de Souza Oliveira  
Francisca Maria Ferreira  
Maria de Lourdes Ferreira Fernandes  
Francisca Jucicléia Ferreira Rodrigues

**CAPÍTULO 03 - O DESAFIO DA REFORMA: EDUCAR PARA SI E PARA O MUNDO** 39

Dária Gomes da Costa Dantas  
Kledna Daheane Souza Diógenes  
Sayonara Oliveira Rosado

**CAPÍTULO 04 - PRÁTICAS DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS** 51

Maria Gorete sena Aprígio  
Valéria Carla de sena  
Wilmara Laline Nunes de Brito



**CAPÍTULO 05 - ENSINO ANTIRRACISTA: UMA  
PROPOSTA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS COM  
FILME E/OU DOCUMENTÁRIO**

**67**

Francisca Vilani de Souza

**ORGANIZADORA**

**81**

**CAPÍTULO 01**  
**O TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO NA INCLUSÃO DO**  
**ALUNO AUTISTA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA**  
**REDE PRIVADA DE ENSINO EM MOSSORÓ/RN**

José Ronivaldo de Queiroz  
Cleverson Marcelino Lopes da Costa  
Héber Medeiros Monteiro  
Paulo Sérgio de Souto  
Raylson Silva de Souza  
Francisca Vilani de Souza

**RESUMO**

A referida pesquisa tem como objetivo analisar as relações psicopedagógicas de formação e aprendizagem estabelecidas entre os profissionais do ensino da educação infantil e crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA. Nesse contexto, buscou-se compreender as principais dificuldades institucionais existentes, como por exemplo a carência de professores qualificados para lidar com o cotidiano de alunos autistas, as transformações positivas do processo de ensino e aprendizagem do referido público-alvo, assim como, a importância das atividades inclusivas que têm sido estabelecidas no ambiente educacional nos dias hodiernos. Nesse ínterim, as considerações feitas buscaram compreender como ocorre o processo de inclusão de alunos autistas, partindo-se do princípio que a inclusão não se restringe tão somente a garantir a inserção dos alunos nos espaços de ensino regulares, mas sim, a uma série de intervenções que reestruturam completamente a formação. Portanto, para alcançar o objetivo destacado inicialmente utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado com professores da Educação Infantil que atuam na rede privada de ensino de Mossoró-RN, com formação na área da Psicopedagogia. Quando a abordagem é uma pesquisa qualitativa e quando aos objetivos é uma pesquisa exploratória. A base teórica está fundamentada em Almeida Júnior (2012), Camargo e Bosa (2009), Herbert (2011), Medeiros (2011), Souza (2013), entre outros. Ao final, os resultados da pesquisa apontaram que o

cotidiano dos professores que lidam com alunos autistas é repleto de desafios, mas, são as atividades de inclusão psicopedagógicas estabelecidas por parte desses profissionais que tem permitido ressignificar a escola como um ambiente democrático e igualitário.

**Palavras-chave:** Autismo; Psicopedagogia; Profissionais do ensino; Aluno.

## INTRODUÇÃO

As instituições de ensino contemporâneas têm se reafirmado como verdadeiros espaços de inclusão educacional. Em parte, isso tem sido motivado pelas mudanças recentes na forma de enxergar a escola como um ambiente onde as diferenças devem conviver conjuntamente, ou seja, independentemente das condições, necessidades e potencialidades. Todos têm direito à escolarização de forma igualitária, sem que haja qualquer possibilidade de discriminação por parte dos que fazem a comunidade educacional.

É importante ressaltar que ao instituir atividades e ações de inclusão educacional, a própria escola passa a cumprir a sua função na comunidade em que está inserida. Incluir significa permitir que todos tenham acesso às atividades de cidadania, independentemente das circunstâncias internas e externas ao espaço de escolarização. Trata-se de garantir que o aluno em formação possa se sentir acolhido num ambiente que institucionalmente foi criado para tal função. Essa, sem dúvida, deve ser a preocupação comum daqueles que fazem a escola nos dias de atuais.

Portanto, dentre um conjunto de ações dessa magnitude desenvolvidas pelos espaços de educação infantil, destaca-se as atividades de inclusão de alunos com necessidades especiais, mais especificamente, daqueles com Transtorno do Espectro Autista, foco da abordagem na presente discussão.

A justificativa para a elaboração da pesquisa se dá pela possibilidade de aprofundamento teórico das questões que

envolvem a inclusão de pessoas com necessidades especiais, uma discussão que serve de ponto de partida para diminuir preconceitos e evidenciar a necessidade de abrir espaço na sociedade para que todos tenham direitos fundamentais preservados, como por exemplo a uma educação igualitária, ainda que considerada a condição individual de cada um. Não menos importante, também se justifica pela função social das instituições de ensino superior, através dos cursos pós-graduação, de contribuir com a identificação de problemas que dificultam o exercício de uma educação plena.

Portanto, considerando essas questões, o referido trabalho tem como objetivo geral analisar as relações psicopedagógicas de formação e aprendizagem estabelecidas entre os profissionais do ensino da educação infantil e crianças com Transtorno do Espectro Autista. A base teórica está fundamentada em Almeida Júnior (2012), Camargo e Bosa (2009), Herbert (2011), Medeiros (2011), Souza (2013), entre outros. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, baseada na descrição e explicação, onde se busca compreender as ações de inclusão de alunos com necessidades especiais autistas.

## **AUTISMO, INCLUSÃO E ESPAÇO ESCOLAR: BREVES REFLEXÕES**

De acordo com o Núcleo Especializado da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência (2011), o autismo pode ser considerado enquanto Transtorno Global do Desenvolvimento que tem como características principais a formação de alterações na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. Essas alterações levam a importantes dificuldades adaptativas e aparecem antes dos 03 anos de idade, podendo ser percebidas, em alguns casos, já nos primeiros meses de vida.

Conforme destaca Souza (2013) em função das limitações físico-motoras, intelectuais e comportamentais de crianças autistas,

as políticas de inclusão escolar tem tido um papel de preponderância na formação de pessoas desse público-alvo. O fato de existir dificuldades de interação social não significa que crianças com autismo devem ser escolarizadas em instituições específicas, de atendimento restritivo. Pelo contrário, é preciso incentivar e criar mecanismos psicopedagógicos efetivos de inclusão na escola regular, tanto para impedir a materialização de preconceitos, quanto para criar situações onde essas dificuldades de formação possam ser amenizadas de maneira plena.

Conforme cita Santos (2008), o desenvolvimento da aprendizagem do aluno autista varia conforme o nível de necessidade físico-motora e psicológica, sendo que a resposta aos estímulos geralmente é lenta e gradativa. Portanto, cabe ao professor (psicopedagogo) adequar o seu sistema de comunicação e intervenção à realidade de cada aluno. Isso deve suceder a uma avaliação continuada, como forma de acompanhar o grau de desenvolvimento e comportamento mediante as intervenções que serão realizadas junto às crianças no espaço escolar. Ainda segundo o autor, a criança autista pode reagir de forma diferenciada quando submetida a diferentes meios de intervenção, daí ser preciso levar em conta os impactos positivos do programa escolar, identificando a necessidade de possíveis mudanças.

O contato do professor com o aluno autista em sala de aula deve priorizar o desenvolvimento de atividades sensoriais, ou seja, que estimulem o raciocínio e a ampliação da capacidade motora. Assim, é preciso considerar que além de ser uma pessoa em processo de formação, o aluno autista precisa de cuidados especiais no sentido do contato com o mundo exterior. Além disso, as atividades de desenvolvimento cognitivo gradual devem ser aliadas cotidianas dos profissionais de ensino no trato com cada aluno autista, pois as informações devem ser absorvidas de forma compartimentada, evitando excessos e possíveis fracassos no desenvolvimento pessoal, conforme relata Santos:

Há uma série de regras e lembretes que facilitará o relacionamento entre o professor e a criança autista. Isto porque o maior desafio para o profissional é lembrar-se da teoria na hora em que os problemas estão ocorrendo. Fazer esta transposição do conhecimento teórico para a prática é muito difícil. O ensino é o principal objetivo do trabalho com crianças autistas. Ensinar coisas funcionais para a criança autista é a essência de um trabalho adequado e a persistência é um grande aliado deste objetivo. Todo trabalho de interação da criança com objetos e com situações do meio deve ser feito concomitantemente ao trabalho de capacitação, aos cuidados pessoais e ao lazer para socialização. As crianças autistas parecem que aprendem e entendem melhor vindo do que ouvindo. Por isso, quando pequenas, é interessante expô-las ao máximo a esses estímulos (SANTOS, 2008, p. 31).

É válido destacar que o processo de aprendizagem por parte de cada criança autista possui características diferenciadas, individuais (HERBERT, 2011). Sendo assim, ainda que haja a necessidade de se promover relações sociais contínuas entre o autista e os demais alunos, é preciso levar em consideração que a interação pressupõe acompanhamento, não no sentido de privar, mas sim, como forma de preservar determinadas limitações que possam existir. Camargo e Bosa destacam a importância da percepção por parte do professor sobre as individualidades, características de desenvolvimento do aluno com autismo:

[...] Proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, subjacente ao conceito de competência social está a noção de que as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. (...) A oportunidade de interação com pares é a base para o seu desenvolvimento,

como para o de qualquer outra criança (CAMARGO; BOSA, 2009, p. 68).

Corroborando com o que foi destacado na citação anterior, Souza (2017) argumenta que é fundamental para o professor construir os meios necessários para ajudar o autista a superar os obstáculos de sala de aula. Para que isso ocorra, o primeiro passo é estabelecer um vínculo de proximidade e confiança. Paralelamente, é preciso que haja a ampliação e continuidade dos cursos de capacitação por parte dos educadores e demais agentes que atuam diretamente no processo de inclusão educacional no espaço-escola. O ciclo da intervenção se fecha com investimentos em infraestrutura por parte da escola, para que possíveis limitações arquitetônicas e funcionais possam ser mitigadas.

Portanto, a educação inclusiva ainda precisa avançar no que concerne a abrangência, ou seja, ao número de alunos beneficiados com as ações institucionais, como também em relação à consolidação na formação profissional e na estrutura escolar voltada para o atendimento dessa demanda. Segundo relata Medeiros (2011), a escola inclusiva ainda está longe de ser concretizada, muito embora seja possível constatar que alguns alunos com necessidades especiais estejam frequentando a escola regular. Ainda segundo a autora, existe um preconceito por parte de uma parcela da sociedade que resiste aceitar e incluir pessoas com necessidades especiais. “A sociedade como um todo precisa adotar uma postura inclusiva, eliminando de vez as barreiras que servem de obstáculos à inclusão das pessoas com necessidades, em todos os sentidos, seja na escola ou no âmbito da própria sociedade” (MEDEIROS, 2011, p. 2).

Conforme constatou-se na citação de Medeiros, alguns paradigmas relacionados ao preconceito e as diferenças individuais ainda precisam ser desconstruídos para que, efetivamente, as ações de inclusão possam ocorrer. Muitos desses preconceitos vêm da falta de conhecimento ou da dúvida de que o aluno considerado especial não pode desenvolver atividades de construção do

conhecimento em mesmo nível de igualdade se relacionado aos demais alunos regulares. É necessário, então, ações continuadas de incentivo e conscientização da comunidade escolar, papel que na opinião de Medeiros, deve ficar a cargo dos profissionais docentes.

Portanto, mediante esses apontamentos iniciais, destaca-se que o autismo é transtorno que exige um aprendizado contínuo por parte do professor, do psicopedagogo e da escola como um todo. A percepção e qualificação docente são fundamentais no sucesso do trato para com o aluno autista. Entretanto, políticas educacionais e de sociabilização do aluno especial não dependem tão somente de recursos humanos, mas, também, de infraestrutura adequada, e isso requer investimentos e comprometimento por parte de gestores, professores, demais profissionais da área de ensino e toda a comunidade escolar.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada na elaboração do presente trabalho compreende a utilização de formas distintas de abordagem. Assim, buscou-se priorizar procedimentos que proporcionassem uma reflexão aprofundada sobre a temática a partir da sobreposição de aspectos teóricos e analíticos. Segundo cita Gil (1999), a metodologia abrange um conjunto de práticas intelectuais e técnicas utilizados pelo pesquisador para atingir um determinado conhecimento. Para que possa ser considerada científica, é necessário que a pesquisa delinieie os passos para a sua verificação, ou seja, o método que possibilitou chegar aos resultados obtidos.

Dessa forma, no contexto da metodologia, foram selecionadas publicações relacionadas à discussão acerca do autismo, da psicopedagogia escolar e da inclusão social nos espaços educacionais. Essa seleção levou em conta os textos publicados por pesquisadores que abordam o tema proposto. Esses, serviram de base para se conhecer um pouco mais sobre a temática a fim de discuti-la sob diferentes aspectos.



Por conseguinte, fez-se uma pesquisa empírica por meio da aplicação de questionários semiestruturados com professores da educação infantil da rede privada de ensino de Mossoró-RN com especialização na área da Psicopedagogia e/ou Psicopedagogia e Educação Inclusiva. As perguntas foram elaboradas por meio do *Google Forms* e disponibilizadas aos entrevistados por meio de links em um grupo de WhatsApp. Ao final, as questões foram compiladas e analisadas no corpo do texto para referendar a discussão. Portanto, a pesquisa possui uma abordagem qualitativa e exploratória.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto da inclusão dos alunos com autismo, sabe-se que a atenção psicopedagógica depende intimamente da formação e qualificação de novos profissionais para atuarem na educação básica. Contudo, a ação humana interventiva precisa estar conectada à disponibilidade de uma infraestrutura escolar adequada. Salas de aula adaptadas, recursos didáticos e metodológicos e espaços de interação específicos, são apenas alguns dos pontos que devem ser levados em consideração durante a definição das ações psicopedagógicas de atendimento a crianças autistas. Tudo deve funcionar como uma engrenagem perfeitamente ajustada, minimizando erros e proporcionando que a educação inclusiva saia do papel e passe, de fato, a modificar as relações de sociabilidade de crianças com necessidades especiais.

Sabendo-se dessas questões destacadas no parágrafo anterior, a pesquisa enveredou sob a perspectiva de analisar como o trabalho psicopedagógico dos profissionais do ensino vem se materializando em escolas da rede privada de ensino de Mossoró - RN. Para isso, foi realizado um contato com os docentes por meio do aplicativo WhatsApp, tanto na etapa de intermediação como durante a disponibilização dos questionários aplicados.

As perguntas que as voluntárias responderam estão relacionadas a profissionalização, o processo de ensino e

aprendizagem e a composição da estrutura escolar. É válido salientar que as profissionais estão identificadas nesse estudo com as letras do alfabeto. Elas possuem formação *lato sensu* em Psicopedagogia e Inclusão Escolar, respectivamente. A nomenclatura utilizada na identificação de ambas se deve às questões relacionadas a ética e ao sigilo profissional.

Portanto, o primeiro questionamento feito buscou identificar como ocorre a intervenção psicopedagógica das profissionais com os alunos autistas em sala de aula. A importância dessa avaliação se dá não apenas no sentido de perceber o objetivo da ação docente, mas sobretudo para avaliar os impactos dessa ação para além dos espaços de ensino em que cada uma atua. As respostas dadas a esse questionamento são mais bem explicitadas no quadro a seguir:

#### Quadro nº 01 – Intervenção Psicopedagógica

A função do professor é bastante abrangente. A intervenção se inicia antes do ato de educar em si. Nós fazemos todo um planejamento com os demais profissionais e com a Professora do AEE, para buscar identificar as demandas do aluno e encontrar soluções que representem uma evolução de suas possíveis limitações (PROFESSORA A).

O nosso trabalho vai muito além de educar o aluno com autismo, porque essa é uma função que não é feita exclusivamente pelo professor. O psicopedagogo atua para buscar minimizar os impactos das diferenças que são características de qualquer escola, inclusive a nossa. A gente tenta alinhar o processo de formação com a participação dos pais e da própria instituição, representada por outros setores da escola (PROFESSOR B).

Fonte: Pesquisa realizada pelos autores, (2023).

Como se percebe na citação, os profissionais da psicopedagogia têm em mente que a sua atuação vai muito além de

facilitar a aprendizagem da criança com autismo. Por mais que este se constitua como um objetivo importante durante a construção cognitiva do saber, há questões igualmente significativas que ensejam uma ação interventiva desses profissionais. É o que se constata, por exemplo, na busca por sedimentar a participação dos pais e da escola nas diversas atividades que compõem a rotina escolar do aluno autista. Uma outra se materializa na tentativa de se pavimentar vias educativas que possibilitem o desenvolvimento do potencial criativo do aluno autista e sua participação social enquanto sujeito portador de direitos da cidadania. Nesse sentido MEDEIROS, (2011, p.7) argumenta que:

O trabalho psicopedagógico tem por objetivo habilitar a comunidade escolar para uma boa convivência, uma harmonia plena entre aqueles considerados “especiais”, oferecendo aos mesmos possibilidades reais de construir seu próprio conhecimento. Nesse contexto, a psicopedagogia chama para si uma importância extrema. Por outro lado, quando o psicopedagogo é atuante, ele pode contribuir para que o indivíduo com deficiência possa desenvolver o seu potencial no seu processo educacional, constituindo-se cidadão e, conseqüentemente, incluindo-se socialmente.

Sabendo-se da importância de se criar estratégias de potencialização educacional do aluno com autismo por meio da articulação com outros agentes, um segundo questionamento feito as profissionais buscou analisar como tem ocorrido a participação dos pais e da comunidade escolar como um todo na participação das atividades formativas. Resumidamente, ambos foram unânimes em afirmar que esta tem sido positiva, na medida em que a presença da família tem se mostrado constante, ainda que haja alguns problemas pontuais. Em geral, afirmaram que tanto quando são convidados a participarem das atividades na instituição, como nos momentos de viabilização das atividades extraescolares com os

filhos autistas, a participação tem sido relativamente satisfatória e é complementada pela ação dos demais profissionais da escola.

De acordo com Silva Brito (2015) e Almeida Júnior (2012), a psicopedagogia tem atuado buscando lidar com as demandas do processo de ensino e aprendizagem, seja no espaço escolar, no contexto familiar ou no processo de formação do cidadão. Munido de diferentes diagnósticos, o profissional da psicopedagogia preocupa-se em garantir que os processos de inclusão saiam do papel e tornem-se realidade. Ao observar as situações do espaço-escola, o psicopedagogo deve concentrar-se em perceber e atuar em três situações distintas: reconhecer as dificuldades de aprendizagem dos alunos (sejam portadores de necessidades especiais ou não); definir os caminhos necessários para amenizar essas dificuldades e intervir mediante a necessidade de cada situação específica.

Um terceiro questionamento feito, buscou identificar se a escola disponibiliza recursos didático-metodológicos satisfatórios para atender as demandas dos alunos com autismo e se a estrutura está condizente com o que propõe a legislação que trata da inclusão. As respostas dadas, em geral, foram satisfatórias. Estas podem ser melhor analisadas tendo como referência a fala expressa no quadro a seguir:

#### Quadro nº 02 – Recursos didático -metodológico.

A escola conta com uma estrutura excelente e os recursos didáticos são atuais e de qualidade para atender ao público da educação inclusiva. Sem falar que nós professores somos atendidos quando levamos alguma requisição para a direção, não há problemas nesse sentido (PROFESSORA A).

Sim. A estrutura é excelente e os materiais à nossa disposição são ótimos. O que falta melhorar é apenas em relação ao tempo para planejamento que é muito curto ainda. Eu trabalho em outra escola e é difícil conseguir conciliar com os

meus compromissos aqui. Se houvesse mais tempo, o trabalho poderia melhorar em vários aspectos (PROFESSORA B).

Fonte: Pesquisa realizada pelos autores, (2023).

Como se percebe, de um modo geral as profissionais da psicopedagogia reconhecem que há um esforço das escolas em que atuam para proporcionar uma qualidade de estrutura e de recursos para tender as demandas dos alunos com autismo. Há, contudo, uma breve pontuação da Professora B sobre a questão do pouco tempo de planejamento. A questão da infraestrutura tem sido algo mais bem equacionado no ensino privado quando comparado ao setor público, como se destaca em diversas produções teóricas sobre o tema. Autores como Santos e Capellini (2021), fazem estudos comparativos que evidenciam essa discrepância no atendimento ao aluno com necessidades educacionais especiais.

Um último questionamento feito as profissionais docentes buscou analisar os principais desafios do processo educativo das crianças com autismo. Sabe-se que mesmo com o incentivo da escola e qualificação dos professores, há barreiras que quase sempre são criadas no cotidiano de sala de aula por conta da própria complexidade de materialização da inclusão educacional. Quanto a isso, foram elencados os seguintes fatores preponderantes nas falas das professoras:

#### Quadro nº 03- desafios no processo educativo

Os desafios são constantes. O aluno com autismo possui uma série de restrições que precisam de uma intervenção ininterrupta. Até a quebra de uma rotina pode contribuir para que haja uma retração do quadro evolutivo que se demorou meses para alcançar. Pra nós professores, também é difícil conseguir conciliar a rotina escolar com as demandas fora da sala de aula (PROFESSORA A).

Como falei antes, o principal desafio é encontrar tempo pra se dedicar ao aluno da melhor forma possível. Infelizmente o

professor é muito cobrado, a escola e os pais querem resultados que só são alcançados com muito esforço. Mas nós tentamos fazer o nosso melhor para que os alunos com TEA sejam capazes de ter independência (PROFESSORA B).

Fonte: Pesquisa realizada pelos autores, (2023).

Portanto, há uma série de desafios e questões que os profissionais da psicopedagogia precisam intervir na escola para, com isso, poderem transformar cotidianamente o espaço ensino. A intervenção voltada a inclusão demanda um comprometimento nos diversos momentos da formação, seja no planejamento, na utilização dos recursos didáticos ou, até mesmo, na forma de viabilizar o processo de aprendizagem. As respostas dos alunos por meio de estímulos dependem intimamente da forma como essa intervenção se materializa no ambiente escolar. Nesse sentido Almeida Júnior, (2012, p. 7) esclarece:

A atuação psicopedagógica poderá ser concebida no ambiente escolar inclusivo, com alternativas metodológicas e procedimentos didáticos que viabilizarão a inclusão e, sobretudo a educação de crianças com necessidades educacionais especiais, através de atendimentos multidisciplinares, incluindo o trabalho psicopedagógico. [...] Ao realizar o trabalho multidisciplinarmente, as intervenções psicopedagógicas que são realizadas com crianças com necessidades educacionais especiais, não constituem em uma série de testes que acontecem apenas uma vez, mas são baseadas nos estudos das respostas que a mesma apresentou durante um período determinado, incitando posteriormente em análises com propósitos de oportunidades significativas para intervenções futuras, com perspectivas de mudanças no seu contexto familiar e escolar.

Portanto, tão importante quanto a formação e qualificação profissional, a percepção do psicopedagogo deve ser um

instrumento para mediar o conhecimento em sala de aula. Na percepção, inclui-se o reconhecimento aprofundado das dificuldades de cada aluno com necessidades especiais, identificando as potencialidades que poderão facilitar o desenvolvimento do aprendizado. Inclusão escolar e psicopedagogia são, neste sentido, elementos indivisíveis durante a implementação de processos educacionais efetivos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme se constatou -se ao longo das discussões realizadas, o autismo representa uma condição especial de natureza físico-motora, psicológica e comportamental de algumas pessoas. Essa condição, entretanto, não se coloca como um obstáculo intransponível no contexto educacional, já que a grande maioria das pessoas com autismo, sobretudo as crianças, conseguem transformar os níveis de desenvolvimento de sua condição própria a partir dos estímulos que são estabelecidos nos espaços de escolarização.

Entretanto, sabe-se que escolarizar crianças com autismo na educação básica não se constitui uma tarefa fácil. Em primeiro lugar, a qualificação dos professores para atuar com esse público-alvo ainda é bastante deficitária, mesmo porque, as universidades preparam o professor de forma mais generalizada para lidar com essa questão, ou seja, não existe um sistema de formação contínua dos professores, tanto na universidade quanto na própria atuação profissional. Os alunos com autismo, mediante as suas necessidades individuais precisam do desenvolvimento de atividades específicas, o que nem sempre se encontra disponível.

Com relação a atuação profissional, constatou-se que os profissionais da psicopedagogia podem encontrar inúmeras dificuldades ao lidar com o cotidiano do aluno autista. Porém, existe uma preocupação por parte dos professores em inserir o aluno nas atividades e proporcionar a participação da escola e da família nesse processo. De modo geral, observa-se que essa é uma forma de

contribuir para que o aluno se sinta acolhido e, mesmo que o professor reconheça que há limitações por parte do aluno com autismo, essa condição não impede o seu desenvolvimento escolar.

Acrescenta-se, também, que a sistematização de programas de escolarização e apoio a crianças com autismo pode contribuir para o fortalecimento da educação brasileira. A inclusão é o melhor caminho para fazer com que as pessoas tenham garantidos os seus direitos individuais. Cabe aos profissionais do ensino e a sociedade contribuir de alguma forma para que isso possa efetivamente ocorrer. A inclusão de pessoas com necessidades especiais, como por exemplo o autismo, representa um dos pilares da educação contemporânea.

Por fim, apesar da presente discussão tentar esclarecer algumas características da educação especial, acredita-se que esta é apenas um ponto de partida para outras que virão. O intuito foi apenas o de colaborar com uma visão particularizada sobre as questões destacadas no texto.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Claudovil Barroso de. O psicopedagogo na Educação Especial. *Estação Científica*, Macapá, v. 2, n. 1, p. 01-10, jan./jun., 2012.

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; BOSA, Cleonice Alves. COMPETÊNCIA SOCIAL, INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA. *Psicologia e Sociedade*; 21 (1): 65-74. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERBERT, Mauro. *Educação inclusiva e psicopedagogia na educação básica brasileira*. Textos Contemporâneos, Rio de Janeiro, 2011.



MEDEIROS, Mariza Izabel Oliveira. A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO À EDUCAÇÃO INCLUSIVA. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – REBES*. Publicação (Pombal – Paraíba – Brasil). v. 1, ed.1, p. 01-09, janeiro a dezembro de 2011.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. *AUTISMO: DESAFIO NA ALFABETIZAÇÃO E NO CONVÍVIO ESCOLAR*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios da Aprendizagem). São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, Camila Elidia Messias dos; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Inclusão escolar e infraestrutura física de escolas de ensino fundamental. Educação básica, Cultura, currículo, *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, 2021.

SÃO PAULO. Núcleo Especializado da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência. *Direitos das Pessoas com Autismo*. 1ª ed. Cartilha Interativa. Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo, 2011.

SILVA BRITO, Maria Isabel Leandro da. A PSICOPEDAGOGIA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SABERES PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. *Anais...* Congresso Internacional de Tecnologia em Educação. Pernambuco, Serviço Nacional do Comércio, 2015.

SOUZA, Antônio Claudio Fernandes de. *Psicopedagogia, gestão inclusiva e autismo no ambiente escolar: algumas considerações acerca da educação especial*. São Paulo: IIDEC, 2013.

SOUZA, Maria Dominga da Conceição Santos de. *EDUCAÇÃO ESPECIAL: ENFRENTANDO O AUTISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL I*. Faculdade de Viana: FESAV, 2017.

## CAPÍTULO 02

# O LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edilene Virgino de Souza Oliveira  
Francisca Maria Ferreira  
Maria de Lourdes Ferreira Fernandes  
Francisca Jucicléia Ferreira Rodrigues

### RESUMO

A ludicidade tem conquistado um significativo espaço na Educação Infantil, em que a criança estabelece uma relação natural com o brinquedo, através do qual ela transmite suas angústias, alegrias, tristezas, agressividades. Pais, educadores e sociedade em geral precisam saber que o brincar é um aprendizado prazeroso, e que contribui na integração do indivíduo na sociedade. Nesse sentido o presente estudo tem como objetivo apresentar as contribuições das brincadeiras na educação infantil, direcionado principalmente as crianças de zero a cinco anos de idade. Metodologicamente, o estudo é bibliográfico. O embasamento teórico está voltado a autores como Didonet (2001), Morais (1979), PCN (1988), Vygotsky (1997) e Teixeira (2014), que defendam a construção do conhecimento na perspectiva lúdica, focando a importância das brincadeiras e seu relevante papel na educação infantil. Dessa forma, destacam se aqui algumas contribuições das brincadeiras para educação infantil como: a criação de situações imaginárias surge da tensão do indivíduo e a sociedade. Liberta a criança das amarras da liberdade. Ao brincar com os jogos a criança faz uma relação entre seus conhecimentos e o que está visualizando, assim vai construindo seu conhecimento e muitos deles são novos. as brincadeiras têm a competência de educar, reeducar, transformar, e envolver a criança dentro de um universo sócio educacional. O ato de brincar é algo sério e é brincando que as crianças se descobrem, vivenciam situações do mundo adulto mesmo sem saber, expressam suas necessidades, sentimentos, emoções e vontades. Quando utilizados brinquedos ou outros instrumentos pedagógicos na educação infantil, maiores são as possibilidades da criança evoluir na

aquisição do conhecimento e aprendizagem, pois nos momentos em que as crianças participam de atividades lúdicas elas produzem conhecimentos.

**Palavras-chave:** lúdico; Educação Infantil; ensino-aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

O ato de brincar é uma forma de comunicação por meio da qual a criança se desenvolve integralmente, tanto no aspecto físico, como social, cultural, afetivo, emocional ou cognitivo. Por intermédio do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes, como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação. Mais do que isso, ela pode desenvolver áreas da personalidade, como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade. Os brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva. Enquanto brinca, a criança se prepara para a vida, pois é por meio da sua atividade lúdica que a criança produz novos significados, que vai tendo contato com o mundo físico e social, e vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.

A ludicidade tem conquistado um significativo espaço na Educação Infantil, em que a criança estabelece uma relação natural com o brinquedo, através do qual ela transmite suas angústias, alegrias, tristezas, agressividades. Pais, educadores e sociedade em geral precisam saber que o brincar é um aprendizado prazeroso, que contribui na integração do indivíduo na sociedade. Os brinquedos, porém, devem ser adequados à idade das crianças, já que proporcionam o seu desenvolvimento e auxiliam na aquisição de conhecimentos.

Desse modo, a justificativa para a escolha do tema se deu por meio do reconhecimento e da relevância do assunto. Além do mais, observa-se na sala de aula a falta de interesse por parte de algumas crianças quando a aula ocorre com métodos tradicionais, a parti daí, levantou-se o questionamento sobre a utilização do lúdico

como prática pedagógica e a possível garantia de uma aprendizagem mais significativa no processo de ensino e aprendizagem.

O objetivo desse estudo é apresentar as contribuições das brincadeiras na educação infantil, direcionado principalmente as crianças de zero a cinco anos. evidenciando desta forma a importância do lúdico nas práticas pedagógicas. metodologicamente trata-se de uma pesquisa bibliográfica. O embasamento teórico está voltado a autores como Didonet (2001), Morais (1979), PCN (1988), Vygotsky (1997) e Teixeira (2014) entre outros.

## **CONTRIBUIÇÕES DAS BRINCADEIRAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Durante muito tempo, confundiu-se ensinar com transmitir conhecimentos e, nesse contexto, o aluno tornava-se um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor, não necessariamente presente nas necessidades do aluno. Acreditava-se que toda aprendizagem ocorria pela repetição de conteúdos e que os alunos que não aprendiam eram responsáveis por essa deficiência e também merecedores do castigo da reprovação.

Atualmente essa ideia é absurda, ou seja, a partir da contribuição dos psicólogos interacionistas, sabe-se que não existe ensino sem que ocorra aprendizagem, e isto não acontece se não pela transformação, pela ação facilitadora do professor, do processo de busca do conhecimento, que deve sempre partir do educando. A ideia de um ensino despertado pelo interesse do aluno acabou transformando o sentido do que se entende por material pedagógico e cada aluno, independentemente de sua idade passou a ser um desafiador a competência do professor.

Segundo Antunes (2002, p. 36), “(...) o interesse passou a ser a força que comanda o processo da aprendizagem, suas experiências e descobertas, o motor de seu progresso e o professor um gerador de situações estimuladoras e eficazes”. É nesse contexto que as inovações em sala de aula ganham um espaço

como a ferramenta ideal na aprendizagem, já que quando utiliza-se métodos inovadores como as brincadeiras por exemplos, propõe -se estímulos ao interesse do aluno que, como qualquer criança adora brincar. A educação no Brasil passou, e vem passando por grandes transformações históricas e social, uma vez que, ao longo do tempo a sociedade vem se modificando e crescendo, e as pessoas por sua vez, estão acompanhando essas transformações. De acordo com a LDB;

A Educação infantil, correspondente às creches e pré-escolas, sendo primeira etapa da educação básica, que tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (art 2º LDB, 1996).

Esta modalidade escolar passou a integrar a educação básica brasileira a partir de 1996, quando a Lei nº 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB<sup>1</sup>, entra em vigor. Após dez anos, em fevereiro de 2006, a Lei 11.274 é implementada trazendo algumas alterações a serem feitas na LDB, no que diz respeito à educação básica e aos seus níveis de ensino. De acordo com a nova Lei, que regulamenta o ensino fundamental de nove anos, não caberia mais a educação infantil atender às crianças com seis anos de idade, estas devem ser inseridas no primeiro ano do ensino fundamental.

Dessa forma a educação infantil seria composta pelas creches, responsáveis pelas crianças de até 3 anos de idade, e a pré-escola atuaria com as crianças de 4 e 5 anos. Como o próprio nome da modalidade já diz claramente, a educação infantil tem como centro do seu trabalho as crianças. Nesse contexto (MACHADO, 2000)

---

<sup>1</sup> BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

argumenta que a educação pré-escolar visa à criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivo-social e intelectual, mediante a proposição de atividades lúdicas que promovam a curiosidade e a espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações a partir do que já se conhece.

A educação infantil, é o período de vida escolar em que se atende pedagogicamente, crianças com idade entre 0 a 6 anos de idade. No ensino infantil as crianças são estimuladas através de atividades lúdicas e jogos que por vez, exercita suas capacidades motoras e iniciam o processo de alfabetização.

O ato de brincar acontece em alguns momentos do cotidiano infantil, neste contexto, Oliveira (2000) aponta o ato de brincar como sendo um processo de humanização no qual a criança aprende a conciliar a brincadeira de forma efetiva, criando vínculos mais duradouros. Sendo assim, as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar, de argumentar, de como chegar a um consumo, reconhecendo o quanto isto é importante para iniciar a atividade em si.

Para Rousseau (1995) A criança é produzida como um ser puro, naturalmente bom, também o brincar passa a ser considerado algo natural, desinteressado e parte da essência infantil. Por isso mesmo livre de qualquer interesse ou imposição cultural, passa a ser utilizado como possibilidade para estimular o desenvolvimento físico, mental, social e intelectual do sujeito infantil. O sentimento e a ideia de infância, são fenômenos psicossociais que surgiram na civilização muito vagarosamente. Aos poucos eles vêm chegando ao mundo dos adultos, salientando que a relação professor e aluno deve ser fator primordial para o sucesso da ideia de infância chegar mais rápido as escolas infantis.

De acordo, com os parâmetros curriculares nacionais (1997), o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos, os quais se deparam no decorrer de suas vidas, seja no ambiente escolar ou fora dele, torna-se necessário que atividade de leitura tenha sentido para o aluno. É outra etapa

importante do aprendizado, tem como pilares de seu processo educacional e desenvolvimento de uma visão integrada de mundo, e uma aprendizagem significativa.

Nesse sentido, o educador precisa ter em mente que ensinar a ler, não é apenas ensinar a decodificar as letras e as palavras, é formar leitores capazes de ler e interpretar as suas ideias a respeito do mundo e as dificuldades que venha a surgir no decorrer de sua vida, procurando sempre estar em contato com as mudanças que acontecem na sociedade. Com base no nosso estudo, percebeu-se o quanto o lúdico é um elemento imprescindível para a formação da criança. Portanto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – (DCNEI), é orientada como prática obrigatória em salas de aulas da educação infantil. Assim, a mesma adota o seguinte conceito:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças como os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, CNE/CEB, Resolução 05/09, artigo 3º, 2009).

As DCNEI foram pensadas a partir de cinco princípios educativos para a concretização dessas práticas cotidianas na Educação Infantil, que são: “Diversidade e singularidade; Democracia, sustentabilidade e participação; Dissociabilidade entre educar e cuidar; Ludicidade e brincadeira; Estética como experiência individual e coletiva” (BRASIL, MEC, 2009c, p. 56).

Nesse sentido, a aprendizagem da criança vai formando suas habilidades, como a coordenação motora, compreensão e companheirismo. As brincadeiras na são direcionadas nas salas de aula, e tem como objetivo o desenvolvimento das crianças, onde a função do professor é fundamental, ele cria um momento mágico para o aprendizado, deixando o aluno a vontade, nas brincadeiras e o docente precisa que ter paciência com aqueles discente que

demoram um pouco mais, a entender as brincadeiras, uma vez que as crianças acabam sempre aprendendo algo novo.

Ao brincar com os jogos a criança faz uma relação entre seus conhecimentos e o que está visualizando, assim a criança vai construindo seu conhecimento e muitos deles são novos. Nas brincadeiras lúdicas as crianças desenvolvem várias aptidões entre elas estão as linguagens oral e escrita, pois a criança se relaciona com outras em que vão aprendendo entre elas. Sendo assim, na educação infantil a brincadeira é muito importante. Pois as crianças vão aprendendo vários conceitos que a professora irá ensinar. As crianças aprendem melhor quando o professor faz jogos e brincadeiras lúdicas, elas precisam do concreto e o abstrato na sua aprendizagem ou conhecimento.

O brincar, além de ser um direito, segundo Santos (2001), também possui dois aspectos interessantes e simples de serem observados: o prazer e, ao mesmo tempo, a atitude de seriedade com que a criança se dedica à brincadeira. Mas no cotidiano de muitas professoras, elas não observam esses aspectos. Poucas compreendem que é por meio da brincadeira que a criança experimenta, organiza o mundo em que vive e se comunica.

De acordo com Moretti e Silva (2011), o ato de brincar é algo sério e é brincando que as crianças se descobrem, vivenciam situações do mundo adulto mesmo sem saber, expressam suas necessidades, sentimentos, emoções e vontades. Porém muitos adultos, até mesmo discentes, se esquecem principalmente que o brincar é um dos direitos da criança, que é instituído em documentos oficiais como LDB 9394/96 (BRASIL, 1996)

[...] o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; [...] nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. (BRASIL, 1998, p. 13).



Segundo Almeida (2003), uma simples brincadeira, como jogar uma bolinha de gude ou brincar de boneca, faz com que a criança desenvolva diversas funções cognitivas e sociais. [...] Eles educam-se ludicamente, pois combinam e integram a mobilização das relações funcionais ao prazer de interiorizar o conhecimento e a expressão de felicidade que se manifesta na interação com os seus semelhantes. (ALMEIDA, 2003 p.13)

Ou seja, a aprendizagem da criança está nas próprias brincadeiras diárias, visto que elas internalizam e elaboram suas emoções e sentimentos, fatos que devem ser priorizados pelos professores e educadores. Ao observarem as brincadeiras devem intervir e propor novas situações e até mesmo novas brincadeiras.

Desse modo, ao brincar as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhes são importantes e significativos, pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas.

As mudanças ocorridas no país a partir do século XIX geraram inquietações quanto à forma de pensar a educação para crianças com menos de cinco anos de idade. Até então, este papel era exclusivo das famílias (FLORES, 2011). Historicamente a Educação Infantil está permeada por lutas, e mudanças de concepções, novas visões políticas, necessidades sociais, e transformações econômicas. Essas lutas e conquistas desencadearam ações em favor das crianças, tanto na educação como em relação aos seus direitos. Nesse contexto a educação infantil está pautada na interação das crianças com seus colegas por meio das brincadeiras no âmbito escolar. Tais práticas mudou a concepção do ensino infantil, e nunca se falou tanto em brincar como atualmente.

## **BRINCADEIRAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM**

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (2010) o brincar é colocado como prática obrigatória nas salas de aula da educação infantil brasileira. Portanto, destacamos ainda os benefícios de se praticar atividades

lúdicas como recurso pedagógico, visto o grau de importância que tais atividades têm, Borba (2007) especialista em educação infantil argumenta que é através da brincadeira que a criança encontra uma ocupação que é exercida dentro de um tempo e espaço, ou seja, aprendizado significativo de grande valor social. Portanto:

Para as crianças, a brincadeira é uma forma privilegiada de interação com outros sujeitos, adultos e crianças, e com os objetos e a natureza à sua volta. Brincando, elas se apropriam criativamente de formas de ação sociais tipicamente humanas e de práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertencem, aprendendo sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem. Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a ressignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças. (BORBA, 2007, p. 12).

Desse modo, as brincadeiras têm a competência de educar, reeducar, transformar, e envolver a criança dentro de um universo sócio educacional. Vejamos o que diz Machado (2000) sobre a importância das práticas de atividades lúdicas na educação infantil:

A educação pré-escolar visa à criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivo-social e intelectual, mediante a proposição de atividades lúdicas que promovam a curiosidade e a espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações a partir do que já se conhece. MACHADO, 2000, p. 21.

Outro ponto a ser tratado nesse estudo, é o nível de importância que as atividades lúdicas têm no processo de desenvolvimento motor da criança, uma vez que tais atividades

contribuem de maneiras diferentes, dependendo do tipo de atividade praticada com as crianças, pois, quanto mais as crianças sentirem e experimentarem “(...) quanto mais aprenderem e assimilarem, quanto mais elementos reais tiverem em suas experiências, tanto mais produtivas e criativas serão as atividades desenvolvidas” (MATUSHITA; MENDES, 2012, p.45).

Nesse sentido, o brincar pode ser compreendido como um estágio importante na vida de uma criança, se comparando ainda a uma rica experiência que ela necessita vivenciar, uma vez que o brincar é inerente à criança, e são através das brincadeiras que a criança experimenta novas oportunidades de aprendizado, segundo Vygotsky (1989, p.84) “as crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, a criação de situações imaginárias surge da tensão do indivíduo e a sociedade. O lúdico liberta a criança das amarras da liberdade”.

Desse modo, entendemos que quanto mais forem utilizados brinquedos ou outros instrumentos pedagógicos na educação infantil, maiores são as possibilidades da criança evoluir na aquisição do conhecimento e aprendizagem, pois nos momentos em que as crianças participam de atividades lúdicas, são convidadas a adentrar no mundo imaginário, ou seja, elas saem do seu cotidiano, e experimentam novos desafios à sua volta. Sendo assim, entendemos a relevância do assunto, e com base na argumentação teórica dos autores citados neste artigo, compreendemos a função do lúdico no contexto escolar do qual possibilita de modo eficaz, e prazeroso, o ensino e aprendizagem dos alunos.

Segundo Almeida (1998), a criança está sendo alfabetizada com o lúdico, e estão aprendendo melhor, pois além de brincar elas aprendem o que o professor quer ensinar. Nesse sentido, a aprendizagem da criança vai formando suas habilidades de coordenação motora, compreensão e companheirismo. As brincadeiras na Educação Lúdica são direcionadas nas salas de aula, pois tem um objetivo que é a aprendizagem da criança. Onde o papel do professor é fundamental, ele cria um momento mágico para o aprendizado, deixando a criança a vontade, nas brincadeiras.

Ao brincar com os jogos a criança faz uma relação entre seus conhecimentos e o que está visualizando, assim ela vai armazenando informações que por vez, muitas delas são novas. Nas brincadeiras lúdicas as crianças desenvolvem várias aptidões entre elas estão as linguagens oral e escrita, pois a criança se relaciona com outras no qual vão aprendendo entre elas. Nessa troca de vivências, as crianças aprendem principalmente como brincar, e a experiência escolar deve então ser mais uma possibilidade de ampliação das relações da criança com o mundo, o ato de brincar traz aprendizado para o processo de construção do conhecimento sistematizado.

Vygotsky (1987) afirma que as crianças, enquanto brincam não se limitam apenas a recordar e reviver experiências passadas, mas as reelaboram criativamente. Nesse sentido encontramos Benjamim, (2002) que chama a atenção para quando as crianças brincam e criam seu próprio mundo. “Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio” (BEJAMIM,2002, p.85).

Portanto, a função do lúdico no universo infantil é considerado como um meio que favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar de forma progressiva suas aquisições de forma criativa, transformando os conhecimentos que já possuíam em conceitos gerais com os quais brinca, ou seja, é através das práticas das brincadeiras que acontecem as transformações na vida da criança, sejam quanto recurso didático ou não, e que o desenvolvimento integral do ser humano só pode ser concretizado com eficácia, se o indivíduo vivenciar em sua infância experiências lúdicas, pois está evidente o grau de importância que as brincadeiras e jogos propiciam a uma pessoa no seu período infantil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo apresentar as contribuições das brincadeiras na educação infantil, direcionado

principalmente as crianças de zero a cinco anos. Logo, permitiu compreender a importância da brincadeira, processo de ensino na educação infantil. Pois como verificamos a criança aprende enquanto brinca, é por meio da brincadeira, do brinquedo, da interação com os jogos que a criança desenvolve a memória, a linguagem, a atenção, a percepção, a criatividade e a habilidade para o aprendizado.

Além disso este estudo permite uma reflexão acerca de como o brincar vem sendo encarado no contexto da Educação Infantil, seus avanços e contribuições, e também suas limitações e dificuldades. E como sugestão, destaca-se a necessidade as creches estarem preparadas para o desafio de atender as crianças que lhe são confiadas pelos pais. Para isso a escola necessita de uma estrutura adequada para a faixa etária, com adequação do local, cadeiras, mesas, banheiros, salas de aulas adequadas, profissionais capacitados e constantemente atualizados com as tendências pedagógica, e as mudanças ocorridas no tempo com advento tecnológico.

Desse modo, a Educação Infantil deve utilizar o lúdico como um parceiro no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Após a finalização deste estudo é possível afirmar que o objetivo inicialmente delimitado foi atingido pois possibilitou um aprofundamento da questão e, conseqüentemente, a obtenção de maior conhecimento a respeito da temática.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Atividade Lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo, SP: Loyola, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Ministério das Comunicações. 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto,

Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BENJAMIN, W. **A creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Brasília, 2001. p.11-28.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Nélia Aparecida da; MORRETI, Nara Martins. Brincar na Educação Infantil: transgressões e rebeldia. In: FARIA, Lúcia Goulart de. **Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2011.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio Histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

TEIXEIRA, Héliça Carla; VOLPINI, Maria Neli. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 76-88, 2014.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

VYGOTSKY. LS. **Aprendizagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 2ª ed. São Paulo: Icone, 1998.



**CAPÍTULO 03**  
**O DESAFIO DA REFORMA:**  
**EDUCAR PARA SI E PARA O MUNDO**

Dária Gomes da Costa Dantas  
Kledna Daheane Souza Diógenes  
Sayonara Oliveira Rosado

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar considerações sobre o livro "A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento" de Morin (2003). Em sua linha de pensamento, o autor apresenta um trabalho de sensibilização para a complexidade na Educação e no Ensino, tendo como objetivo a necessidade de uma reformulação de paradigmas que contribuam para o desenvolvimento de uma autonomia do espírito de busca. Para tanto, aponta como ideia fundamental na formação educacional, o dever de encorajamento para entender que os conhecimentos dependem do todo e o todo depende das partes e, portanto, é necessário examinar os fenômenos de forma multidimensional. São apresentados por Morin (2003) os desafios para que se estabeleça uma ampla reforma do pensamento acadêmico rumo a uma democracia cognitiva. Não se pode ver apenas uma parte e perder de vista o todo. E constata-se a inadequação entre os saberes escolares, separados em disciplinas e os problemas e desafios da humanidade que são complexos, transdisciplinares, multidimensionais, globais, planetários. O saber pertinente deve ser capaz de contextualizar qualquer informação, o que impõe enfrentar a expansão descontrolada dos conhecimentos afim de que os atores escolares não se afoguem. Os três desafios da complexidade, da globalidade e da expansão descontrolada do saber necessitam de repensar a organização do saber e, assim, repensar o ensino e a educação. Por isso, devem ser contemplados alguns desafios associados. O desafio cultural se impõe em remediar a histórica separação entre a cultura das humanidades e a cultura científica de modo a humanizar o saber, refletir sobre o destino humano e, ao mesmo tempo, enriquecer as grandes questões sobre a vida e o mundo.



**Palavras-chaves:** ensino; conhecimento; reforma; complexidade.

## A REFORMA DO PENSAMENTO

Convencido da necessidade de uma reforma do pensamento, Morin (2003) construiu uma linha de pensamento sobre problemas que ele considerava serem os mais urgentes e os caminhos para analisá-los, demonstrando que a solução para esses seria a reforma do pensamento e conseqüentemente a reforma das instituições. Para ele, educação e ensino são termos que, ao mesmo tempo, se distanciam e se confundem. Educação é a utilização de meios para garantir a formação e o desenvolvimento de um ser humano e o ensino, como arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele compreenda e assimile.

A missão do ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. (...), mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas (MORIN, 2003 p. 11).

A complexidade é um desafio que Morin (2004) se propõe a vencer. Há um conflito cada vez maior entre os saberes fragmentados entre disciplinas e os problemas multidimensionais, que estão se tornando cada vez mais essenciais. A hiperespecialização<sup>1</sup> impede de ver o global como o essencial, visto que, os problemas essenciais são indivisíveis já que para pensar um problema particular, devemos posicioná-lo em seu contexto

---

<sup>1</sup> Distribuir o trabalho que antes era realizado por uma pessoa para diversos outros trabalhadores, não importa se isso é feito através de terceirizações ou com a redistribuição de tarefas, cargos e competências internas.

planetário. Isso torna o desafio da globalidade um desafio complexo pois os componentes de um todo são inseparáveis e interdependentes.

A inteligência que separa o complexo do mundo em pedaços, fraciona os problemas e atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão. Sendo assim, os desenvolvimentos disciplinares das ciências trouxeram vantagens e desvantagens, o pensamento que permite que os especialistas tenham um ótimo desempenho nos setores não complexos de conhecimento, é o mesmo que ignora e oculta tudo o que é subjetivo, afetivo, livre e criador. O sistema de ensino pratica esses desenvolvimentos e faz com que mentes jovens percam suas habilidades de contextualizar os saberes e integrá-los nos conjuntos em que estão inscritos. Por esse motivo, é necessário (re) pensar o ensino considerando a compartimentação dos saberes e a incapacidade de articulá-los e o atrofiamento da aptidão de contextualizar e integrar.

Ora, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar (MORIN, p.15, 2003).

Outro desafio citado pelo autor é o crescimento descontrolado do saber. Para ele, o conhecimento só é conhecimento quando está relacionado com as informações e inserido no contexto destas. Os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos, não ajudam a enfrentar os grandes desafios da época, nem de integrar conhecimentos para a condução da vida. Para Morin (2003), a finalidade do ensino está em formar uma cabeça bem-feita, que seja capaz de organizar os conhecimentos, colocar e tratar os problemas, ligar os saberes e lhes dar sentido.

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e estimular o emprego da

inteligência geral. Trata-se de produzir um pensamento que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de indivisibilidade com seu meio cultural, social, econômico, político e natural. O desenvolvimento dessa inteligência, está ligado ao exercício da curiosidade, da dúvida que é fundamental à atividade crítica que deve ser estimulada e o bom uso da inteligência geral é necessário a todos os domínios da cultura das humanidades, cultura científica e na vida na qual é preciso valorizar o “pensar bem”.

## **A COMPLEXIDADE DO SER HUMANO**

“Conhecer o humano não é separá-lo do Universo, mas situá-lo nele.” (MORIN, 2003 p.37). O ser humano é revelado em sua complexidade. Logo, vive-se ao mesmo tempo, aspectos totalmente biológico e totalmente cultural. O cérebro, a boca, a mão são órgãos totalmente biológicos e, ao mesmo tempo totalmente culturais. O que há de mais biológico, é também, o que há de mais impregnado de cultura. As atividades biológicas mais elementares, são ligadas à normas, proibições, valores, mitos, isto é, o que há de mais especificamente cultural nessas atividades culturais, põem em movimento os órgãos dos seres humanos.

Para ele, o estudo do ser humano não depende apenas do ponto de vista das ciências humanas, das reflexões filosóficas e descrições literárias, ela depende também das ciências naturais renovadas e reunidas: a Cosmologia, Ciências da Terra e a Ecologia. Essas ciências apresentam um tipo de conhecimento que organiza um saber antes compartimentado, e despertam questionamentos fundamentais que fazem inserir e situar a condição humana no cosmo, na Terra e na vida.

O ser humano, ao mesmo tempo natural e cultural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Sendo assim, a iniciação às novas ciências torna-se iniciação a condição humana através destas. Tudo isso, deve contribuir para a formação humanística e ética de pertencer à espécie humana e para o

abandono da ilusão do desejo de conquistar o Universo e dominar a natureza.

O objetivo da educação é mostrar que ensinar a viver necessita não apenas dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido com sabedoria, e da agregação dessa sabedoria para toda a vida. Trata-se de transformar as informações em conhecimento e de transformar o conhecimento em sabedoria. A palavra cultura <sup>2</sup>no seu sentido antropológico, fornece os conhecimentos e valores que orientam e guiam a vida humana.

Com isso, Morin (2003) descreve a literatura, poesia e cinema como *escolas de vida em seus múltiplos sentidos*: Escolas da língua, escolas da emoção, escolas da descoberta de si, escolas da complexidade humana e escolas de compreensão humana. Para ele, a ética da compreensão humana constitui uma exigência de nossos tempos de incompreensão generalizada. Explicar não é suficiente para compreender, deve-se utilizar todos os meios objetivos de conhecimento que são insuficientes para a compreensão do ser subjetivo.

A compreensão humana permite reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação. “É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão.” (Morin, 2003 p.51). Enfrentar a dificuldade da compreensão humana exige o recurso de uma pedagogia conjunta que agrupa o filosófico, o psicológico, o sociológico, o historiador. Isso seria conjugada a uma iniciação à lucidez. O aprendizado da auto-observação faz parte do aprendizado da lucidez.

A aptidão reflexiva do espírito humano, deveria ser encorajada e estimulada em todos. “Não somos apenas possuidores de ideias, mas somos também possuídos por elas, capazes de morrer ou matar por uma ideia.” (Morin, 2003, p.53). Alimentamos com nossas crenças ou fé, os mitos ou ideias originadas de nossas

---

<sup>2</sup> Termo com sentido amplo que pode indicar tanto a produção artística quanto o modo de vida, o conjunto de saberes, a religião entre outras acepções.

mentes, estes por sua vez, ganham consistência e poder. Sendo assim, se faz necessário ajudar as mentes adolescentes a se movimentarem na noosfera <sup>3</sup>e se instaurarem no convívio com suas ideias, sempre lembrando que estas devem se manter em seu papel mediador e não identificadas com o real.

Trazemos, dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura. Assim, Cosmologia, ciências da Terra, Biologia, Ecologia permitem situar a dupla condição humana: natural e metanatural. (MORIN, 2003, p.37).

A maior contribuição de conhecimento do século XX foi identificar os limites do conhecimento. A maior certeza é a da indestrutibilidade <sup>4</sup>das incertezas tanto na ação como no conhecimento, isso põe em condições de enfrentar o destino incerto de cada indivíduo e de toda a humanidade. A condição humana está marcada por duas grandes incertezas: a cognitiva e a histórica.

A incerteza histórica está ligada ao caráter caótico da história humana, que está sujeita aos acidentes e sofre determinações sociais e econômicas que podem ser modificadas pelos acontecimentos, e por esse motivo se faz necessário preparar para um mundo incerto e aguardar o inesperado, isso exige um esforço para pensar bem. Cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, todo destino humano implica uma incerteza irredutível.

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa e ensinar como se tornar um cidadão. Um cidadão é definido por sua solidariedade e responsabilidade em relação à sua pátria. A nação

---

<sup>3</sup> ( ...) esfera do pensamento humano", sendo uma definição derivada da palavra grega *νοῦς* (*nous*, "mente") em um sentido semelhante à atmosfera e biosfera.

<sup>4</sup> Característica, particularidade ou condição do que é indestrutível. A matéria não pode ser criada nem destruída, apenas transformada.

é uma sociedade em suas relações e interesses, conflitos sociais e políticos. Mas também é uma comunidade de identidade, de atitudes e de reações ante o estrangeiro e o inimigo. A comunidade essa que tem um caráter cultural por seus valores, costumes e crenças, e também um caráter histórico pelas suas transformações e provações sofridas ao longo do tempo.

O Estado-Nação é uma sociedade territorialmente organizada, e seu poder absoluto deve ser ultrapassado para que, devido ao seu próprio desenvolvimento técnico-burocrático, não se torne abstrato e homogeneizador. Todos os grandes problemas exigem soluções multinacionais, continentais e até planetárias e necessitam de sistemas associativos, federativos e metanacionais<sup>5</sup>.

Ao longo dessa aventura, a condição humana foi autoproduzida pelo desenvolvimento do utensílio, pela domesticação do fogo, pela emergência da linguagem de dupla articulação e, finalmente, pelo surgimento do mito e do imaginário... Assim, a nova Pré-história tornou – se a ciência que permite a ressurreição do humano que fora eliminado pelas fragmentações disciplinares (MORIN, 2003, p.39).

A consciência e sentimento de pertencimento à Terra e identidade terrena são vistas atualmente de forma a refletir e construir conhecimentos relacionados a cada contexto. A progressão e o enraizamento é que permitirão o desenvolvimento por múltiplos canais e em diversas regiões do globo, de um sentimento de religação e intersolidariedade<sup>6</sup>, imprescindível para civilizar as relações humanas.

Por esse motivo se faz necessário contribuir para autoformação do cidadão e lhe dar consciência do que significa uma nação, mas

---

<sup>5</sup> (...) empresa que, desde a sua formação, desenvolve os seus produtos ou serviços e acede aos recursos de que necessita em qualquer parte do mundo.

<sup>6</sup> onsciência e sentimento de pertencer à terra e a identidade terrena que é vital atualmente.

estendendo a noção de cidadania a entidades que não possuem instituições prontas. Essa formação deve permitir enraizar dentro de si, a identidade nacional, continental e planetária.

## AS FINALIDADES DO ENSINO

“A finalidade da “cabeça bem-feita” seria beneficiada por um programa interrogativo que partisse do ser humano.” (Morin, 2004 p.75). Interrogando o ser humano descobre sua natureza biológica e cultural. Assim, desde a escola primária, se daria início a um caminho que ligaria a indagação sobre a condição humana à indagação sobre o mundo. As ciências e disciplinas estariam reunidas, ramificadas umas às outras, e o ensino poderia ser veículo entre os conhecimentos parciais e um conhecimento global de tal forma que, as disciplinas possam ser diferenciadas mas não isoladas.

À medida que estas são diferenciadas e ganham autonomia, é necessário aprender a separar e unir, analisar e sintetizar, e a partir disso, seria possível aprender a considerar as coisas e as causas. Formando-se assim uma consciência capaz de enfrentar complexidades. No ensino primário, a aprendizagem da vida será realizada pela via interna da autocrítica, onde seria estudada a maneira com que a mente oculta os fatos que contrariam sua visão das coisas, mostrariam como as coisas dependem menos de informações do que da forma em que está estruturado o modo de pensar; e na via externa através da introdução ao conhecimento da cultura das mídias, televisão, videogames, anúncios, entre outros, onde as crianças são imersas desde cedo.

E o professor, tornaria conhecido os modos de produção dessa cultura situando e comentando os programas assistidos e os jogos praticados pelos alunos fora de classe, mostrando que a montagem dessas imagens pode dar uma falsa impressão de realidade. Já no ensino secundário por sua vez, a aprendizagem seria sobre a verdadeira cultura que estabelece o diálogo entre a cultura das humanidades e a cultura científica, levando a uma reflexão sobre o futuro e as conquistas das ciências e também considerando a

literatura como escola e experiência de vida. Haveria guias de orientação aos professores que permitissem situar as disciplinas em seus novos contextos como universo, terra, vida e o humano.

Para que, ao se educar sobre o mundo e a cultura dos adolescentes, eles possam compreender a autonomia conquistada através da cultura de mídia e ao invés de proibir, mostrariam o quanto são prejudiciais as temáticas estereotipadas pelas mídias.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2003, p. 51).

Para a universidade, existe uma dupla missão: ela deve se adaptar às necessidades da atual sociedade e realizar a conservação, transmissão e o enriquecimento do patrimônio cultural. De acordo com Morin (2004), os desafios a essa dupla missão estão na pressão para adequar o ensino às demandas econômicas do momento, ou seja, conformar-se às estimativas do mercado, diminuir o ensino geral e marginalizar a cultura humanista. “A reforma de pensamento exige a reforma da Universidade.” (Morin, 2003 p. 83). Uma reforma que reorganizaria a instauração de faculdades, departamentos ou institutos destinados à ciências com uma união multidisciplinar com um núcleo sistêmico. “A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino”. (Morin, p. 20, 2003).



## CONTRIBUIÇÃO DESSE ESTUDO PARA O ENSINO APREDIZAGEM

Em sua obra, Morin (2003) enfatiza a importância de uma reforma no ensino. Para ele uma reforma no ensino resulta em uma reforma de pensamento, tendo em vista que a sociedade atual vem evoluindo constantemente e se faz necessário a existência de seres pensantes com opiniões próprias capazes de questionar e solucionar os problemas do tempo presente. Entretanto, pessoas com uma visão ampla e domínio de raciocínio, são qualificadas para enfrentar os desafios e suas complexidades, por serem dotados com saberes alinhados em áreas diversas como: na política, na economia, na sociedade e até mesmo na cultura.

O autor esclarece ainda, que não é interessante que alguém seja municiado de informações sem excelência, ou seja, um conhecimento raquítico, a aglomeração de informações não significa uma aprendizagem satisfatória. Morin (2003) defende que o ser deve ter uma cabeça bem feita, com conhecimentos consolidados. Logo o avanço nas instituições leva ao desapareço de uma modalidade de ensino fracionado das disciplinas, que só servem para uso técnico e contribuem para a deficiência na aprendizagem, impedindo que o aluno expresse suas ideias, e assim estará obedecendo as leis da instituição. Dessa forma o educando não evolui, por não ser instigado a desenvolver um pensamento crítico. Portanto, quando a capacidade de pensar é desenvolvida, o conhecimento é alcançado.

Outra contribuição que Morin (2004) é a orientação sobre como os diversos tipos de Ciências que devem ser trabalhadas, seus objetivos e funções no processo de formação do ser pensante. No decorrer da sua obra ele descreve com bastante propriedade como essas ciências iniciaram e destaca a importância que cada disciplina tem em sua área, mas ao mesmo tempo em que ele fala da individualidade de cada disciplina, também defende o elo de ligação entre elas. Ele usa as palavras multidimensionais e poli ou transdisciplinares para descrever as interações entre as

consideradas em sua visão como Novas Ciências: Ecologia, Cosmologia e Ciências da Terra. Logo:

O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível com a reorganização do saber; e esta pede uma reforma do pensamento que permita não apenas isolar para conhecer, mas também ligar o que está isolado, e nela renasceriam, de uma nova maneira, as noções pulverizadas pelo esmagamento disciplinar: o ser humano, a natureza, o cosmo, a realidade. (MORIN, 2003, p.104).

As ideias de Morin (2003) se resumem à globalização das áreas do conhecimento. Em sua linha de pensamento, em um mundo globalizado, não há mais sentido manter os conhecimentos fragmentados. Para ele tudo está interligado, inter-relacionado, sendo a reforma do pensamento antes de tudo uma reforma curricular do ensino, isso os leva a pensar e analisar que, se tudo o que existe hoje surgiu a partir de um único começo, de uma ordem de organização natural e construída através do tempo, pode-se chegar à conclusão que realmente não faz sentido os conhecimentos serem ainda hoje tratados de forma separada.

Apesar de muito estudos e pesquisas já terem mudado as concepções em relação interdisciplinaridade, ainda há muito o que se conhecer, repensar, interpretar e desenvolver outros elementos que façam sentido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após reflexão sobre a obra se reconhece que a instauração desta reforma, o autor reforçando a ideia de que o ponto de partida deve ser a retomada da missão do ensino, não se limitando ao exercício de uma função, de uma atividade profissional, mas assumindo também "*uma tarefa de saúde pública*".

O ensinar está assim imbuído da missão de transferência não só de informação, mas sobretudo de competência, formando

capacidades culturais que sejam úteis para uma mentalidade distintiva, contextualizante, multidimensional capaz de preparar mentes para o enfrentamento de desafios impostos pela crescente complexidade dos problemas humanos.

Estaria inscrito nesta competência o preparo para lidar com as incertezas, fomentando a estruturação de inteligências estratégicas. Instaura-se, portanto, a necessidade de ultrapassar o senso de que o papel da ciência e do ensino é suficiente enquanto problematização do homem e da natureza. Trata-se, enfim, de dar início a problematização da própria ciência em suas profundas ambivalências, processo que exige a necessidade de uma reforma cognitiva, de um novo renascimento.

## REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **A ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand

## CAPÍTULO 04

### PRÁTICAS DOCENTE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Maria Gorete sena Aprígio  
Valéria Carla de sena  
Wilmara Laline Nunes de Brito

#### RESUMO

A motivação, interação e a permanência em uma determinada situação, seja ela como aluno ou docente traz uma coletânea de conhecimentos. Mas também dificuldades, reunindo aspectos importantes e diversos. E, portanto, é possível descrever ações desenvolvidas e assim registrar de forma autobiográfica. O registro em forma de narrativa procura fazer visíveis e pensáveis questões educativas que, por meio do narrar estruturam os momentos vividos. O conhecimento pedagógico dos educadores pode ser ligado à experiência para voltar aos momentos vividos e retratar com maior sensibilidade, consciência e abertura. Este artigo tem como objetivo apresentar relatos de experiência acadêmica e profissional de três profissionais docente na educação básica, no âmbito do sistema de ensino público e privado. Um relato de experiência é baseado em fatos reais. Eles descrevem uma situação ou evento vivido pelo autor, tornando os relatos o apresentado confiável e autêntico. Diferente de outras formas de escrita, como ficção ou opinião, o relato de experiência é caracterizado por ser escrito de forma objetiva, sem julgamentos ou opiniões. O objetivo é fornecer informações precisas e objetivas sobre a experiência, permitindo que o público tire suas próprias conclusões sobre a mesma, ou seja, dá a chance de percorrer um caminho trilhado por nós mesmos e, com isso ter um olhar observador, mais atento e denunciador de tudo que incomoda e angustia. Para exercitar esse olhar reflexivo sobre a prática docente, abre-se várias janelas para melhores profissionais da educação. É com base nessa consciência que esse estudo relata as experiências da prática docente.

**Palavras-chave:** relato de experiência, conhecimento, docência.

## INTRODUÇÃO

No início da prática docente o mais importante era cumprir todos os conteúdos programáticos. Fazer o plano de aula com a sequência dos conteúdos no planejamento. Não havia a preocupação de avaliar a metodologia e a aprendizagem. Após iniciar o trabalho com projeto, surgiu uma nova prática docente, e as discussões realizadas oportunizou a esclarecer e explicitar a virtude essencial para a formação dos discentes como praticantes da leitura e da escrita. E, assim possibilitar a oportunidade de ler e escrever com propósitos similares aos que norteiam a leitura e escrita na sociedade. Bem como, elaborar produções para se comunicar com outras pessoas.

A tomada de decisão sobre o que e como ensinar é insociável da prática docente. Por mais que as políticas educacionais proponham a tomar para si essa decisão, na prática os docentes é quem tem esse poder. Daí a importância do reconhecimento desse poder para a construção de uma sociedade menos excludente e mais igualitária.

Portanto, trabalhar com projeto é muito interessante para o docente e discente, porque tem um ótimo resultado final, porque o discente estará motivado a se envolver nas atividades propostas, construindo paulatinamente o seu conhecimento. E cada etapa do projeto é compartilhada, sendo necessário uma boa comunicação entre ambos para que o docente saiba que objetivo almeja alcançar, planejando minuciosamente a cada dia e replanejando sempre.

São visíveis as mudanças que ocorrem prática pedagógica, ao assimilar e internalizar conhecimentos e atitudes que foram bem salutar no processo de ensino aprendizagem. Desenvolvendo projeto há uma excelente oportunidade para a conectividade com outras escolas da comunidade, considerando as expectativas, ideias e conhecimentos prévios dos discentes que são considerados legítimos, anotamos e depois trabalhamos a partir deles. Em seguida, realizamos a socialização das respostas dos mesmos, com discussão a respeito da função social do resultado final do projeto.

A partir daí destacamos a modalidade e os conteúdos a serem trabalhados, no contexto das práticas sociais de leitura, escrita e comunicação oral.

## **PRÁTICA DOCENTE: EXPERIÊNCIAS E REALIDADE**

A prática docente oferece experiências boas e ruins. Essas, que mostram a realidade vivenciada em nossas salas de aulas. Não é difícil encontrar um professor que não tenha passado por algo em sala, que perpetrou a mudança de sua postura nas aulas. Sabemos que durante sua formação acadêmica o indivíduo aprende os conteúdos no qual será aplicado na sala de aula, o aluno de licenciatura não sabe em qual realidade ele será inserido, e quais dificuldades ele passará em seu cotidiano.

As aulas ministradas nas universidades fazem como que os alunos busquem o conhecimento didático no qual será posto em prática no seu dia a dia. Já os saberes da experiência serão construídos na sua vivência diária. Segundo Pimenta:

Os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores ( PIMENTA.p.20.1999).

É evidente que os saberes da experiência não estão exclusivamente nas experiências precedentes dos professores como os alunos. (Borges 1998, p.54) faz uma classificação que “não só por estas experiências, mas, também nas experiências do fazer cotidiano do professor, os saberes imediatos relacionados ao campo profissional, nas relações que o professor estabelece com realidade objetiva.” Os saberes da experiência vivida por professores têm muito a ver com a realidade de seus alunos e da escola na qual ele leciona. Como afirma Tardif (2002, p.71) “A

socialização é um processo de formação do indivíduo que se estende por toda a história de vida e comporta rupturas e continuidades.”

Portanto, são os saberes adquiridos na sua vida docente que mostram seus Valores, opiniões e pré-conceitos desenvolvido durante seu convívio com a família, estabelecem no professor a importância de novas metodologias, usando novas formas de se relacionar com os alunos, tais formas essas que são expressas durante sua sala de aula, com uma postura de expressões respeitadas ou desrespeitadas, as formas de como será a punição e a coerção empregadas em sala de aula. Através do desempenho do professor, é possível construir uma fonte de saberes. Assim, serão nos diferentes momentos na escola nas mais diversas circunstâncias que os professores estabelecem seus saberes. (Borges 2004. p. 203.) afirma que:

O contato com alunos, professores, com os demais agentes escolares, enfim a vida profissional, propriamente dita, proporciona muitas aprendizagens, entre elas a aquisição de saberes sobre como agir em diversas situações, trabalhar determinados conteúdos, explorar o livro didático, abordar um conteúdo, extrair do programa os conteúdos relativos à aprendizagem dos alunos etc.

Durante o seu tempo de a docência o professor passa tem a oportunidade de vivenciar todos os outros saberes, não apenas do seu conhecimento, no entanto também os saberes de sua formação inicial e continuada, esses saberes disciplinares e curriculares, atribui o aproveitamento, virtude, sua identidade, ou até mesmo refutando, marginalizando-os na experiência de estabelecer sua própria prática pedagógica. O que na prática se realiza no decorrer de toda as atividades vivenciadas no âmbito da educação e especificamente na sala de aula. São atividades gratificantes e, ao mesmo tempo traz muitas experiências que servem de forma eficaz para construir saberes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui são apresentados os relatos de experiência de três professoras, autoras desse texto. É um espaço no qual são descritos com precisão o percurso acadêmico e profissional de cada uma. No qual cada uma se coloca na condição de aprendiz e profissional e destacam suas limitações e conquistas.

Primeiro relato

### Quadro nº 01- Professora A

Ao término do Ensino Médio prestei vários vestibulares para o curso de Pedagogia em instituições públicas, por achar o curso mais fácil para ingressar na universidade, porém relatava que não queria ser professora igual a minha mãe, mais fazia os vestibulares porque oferecia mais vagas. Ao analisar que estava ficando desqualificada para o mercado e um dos meus sonhos era me formar em um curso superior. Então prestei vestibular na FACEX no curso de Serviço Social, tinha vontade de ser assistente social porque achava essa profissão interessante haja visto o seu contato com o sujeito para orientá-los. Porém, quando comecei a fazer o estágio obrigatório do curso, percebi que algumas coisas não me identificavam e que era um trabalho muito monótono e comecei a desestimular em não querer ir mais para a faculdade.

Recordo que tive algumas mudanças em minha vida pessoal me levando a retornar a Pedro Avelino/RN, com o tempo, voltei a sonhar em ser formada, no primeiro momento queria terminar o curso de Serviço Social, mas como tinha que se deslocar todas as noites, e, as vezes tinha dificuldade de transporte para o município de Assú/RN, percebi que ficava inviável para estudar.

Logo depois, fui convidada pela minha mãe Gorete Sena em assistir um sarau de uma turma do curso de Pedagogia da IBRAPOS e recordo que, gostei muito das apresentações pelas alunas. No término do sarau recebi o convite da coordenadora para fazer o vestibular da UVA do curso de pedagogia. Diante



disso, tive um diálogo com a minha mãe sobre a faculdade, então ela orientou que não deveria deixar passar essa oportunidade, pois o polo é no município, no qual resido, e a oportunidade de ingressar na área de Educação, e atuar em outras empresas.

Diante disso, foi feita uma reflexão sobre essa oportunidade, fiz o vestibular do curso de Pedagogia e fui aprovada. Hoje, atuo na área, pois relatava que não queria ser professora, mas, percebo que é gratificante quando à medida que ensinamos, também aprendemos. Assim, contribuímos para a formação social do indivíduo, um ser pensante, crítico e reflexivo.

Em 2013 teve início do curso de Pedagogia, onde fomos bastante acolhidos pela coordenação e docência, no decorrer dos períodos passei a gostar da área da educação, em 2014 surgiram às oportunidades de emprego. A primeira refere-se ao convite para como voluntária a disciplina formação para o trabalho, em uma escola estadual com as turmas de Ensino Médio. E, também no mesmo período fui contratada pela Prefeitura Municipal de Pedro Avelino como orientadora social no Centro de Referência à Assistência Social- CRAS pela Secretaria de Ação Social, com o público de adolescentes. Além disso, monitora do Programa: Mais Educação, com a Oficina Jornal Escolar na escola Municipal Cônego Antônio Antas, no município de Pedro Avelino/RN.

Iniciei as experiências na educação em sala de aula, porém no início foi um pouco árduo, pois era a primeira vez que estava lecionando, era uma disciplina nova, mas comecei a pesquisar sobre a disciplina e depois conheci os alunos. A partir dessa investigação passei a dar aula com dinâmica de forma dialogada, sempre incentivando a participação dos alunos.

Outra experiência desafiadora foi trabalhar como orientadora social com adolescente onde há alguns eram usuários de drogas, rebeldes e sem disciplina. Mediante essa dificuldade, percebi a necessidade desenvolver uma prática inovadora através do esporte. Portanto, mostrei pra eles que para ser jogador tem que estudar ter disciplina e não usar drogas. Convidei o jogador de destaque na cidade para interagir com os

alunos, por meio de uma palestra, a partir desse momento, eles melhoram um pouco. Enquanto, isso, no Programa Mais Educação coloquei em prática algumas teorias pedagógicas, adquiridas no curso de graduação, com jogos lúdicos, a fim de incentivá-los à leitura e a escrita.

Sabemos que a educação tem enfrentado diversos desafios frente às políticas públicas em torno de melhores condições para um ensino de qualidade. Diante disso, percebemos como um fator primordial para as conquistas da vida em sociedade, visto que se trata de um elemento que contribuirá para a transformação, renovação, criação e inovação do mundo ao seu redor.

Nesse sentido, a educação do século XXI tem buscado propiciar a qualificação e formação em serviço dos docentes, além das conquistas em torno de outros aspectos, como: o acesso e a permanência na escola, assim como também a flexibilização dos currículos, a inserção das novas tecnologias educativas.

Diante desse contexto, ainda evidenciamos profissionais da educação que não estão preparados para utilizar as novas tecnologias no espaço da sala de aula, embora as escolas já estejam equipadas com esses instrumentos tecnológicos. Fragilidade no que diz respeito às práticas de ensino desenvolvidas no fazer pedagógico. Tudo isso, reflete na busca incessante de novos desafios frente às melhorias na educação brasileira, além das discussões em torno de novos direcionamentos por parte das políticas públicas.

Nessa perspectiva, a escola na contemporaneidade deve priorizar práticas de ensino que promova não só o acesso dos alunos à escola, assim como também a sua permanência, em face de qualidade do ensino. Além disso, é preciso preparar o aluno para a vida em sociedade e o mercado de trabalho.

Fonte: relato descrito pela autora 2023.

## Segundo relato

### Quadro nº 02 - Professora B

Antes de iniciar a vida acadêmica, procuramos entender nossos sonhos, o que realmente queremos da vida. Lembro que na infância já pensava em ser professora, entretanto na adolescência os planos eram outros, queria ser psicóloga. Porém, com passar do tempo e com algumas realidades, fui em busca da licenciatura. Ao concluir o ensino médio em 2003 não me interessei a fazer vestibular. Então, resolvi viver outras experiências e seguir. Em 2005 foi morar em Natal RN, naquele momento meu objetivo foi trabalhar. A primeira oportunidade de emprego foi em uma conveniência no bairro de Ponta Negra, e com o passar do tempo decidi ir trabalhar em um shopping, na praça de alimentação. E fui vivendo a realidade daquele emprego que decidi procurar o melhor pra mim.

Diante disso, fui pesquisar valores de cursinho para me matricular. No entanto, o gerente das lojas na qual eu trabalhava resolveu me oferecer uma bolsa para estudar no CDF cursinho. Prestei meu primeiro vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, porém só passei na primeira fase, então logo sem seguida, resolvi fazer vestibular em uma instituição partícula chamada Universidade Vale do Acaraú - UVA. Lembro que passei por certos preconceitos por esta fazendo uma faculdade particular e no momento não era tão conhecida.

Decidi prestar vestibular em História em 2008, porque até então não me identificava com outra licenciatura. No início do curso pensei em desisti, pois não estava gostando da grade curricular. Após pagar as primeiras disciplinas do curso, comecei a participar de congressos no estado e fora, foi ai que comecei a gostar do meu curso e ver como a História é fascinante.

No segundo período do curso de História já tive a oportunidade de lecionar em uma escola particular de bairro Nova Jerusalém, com as disciplinas História, Geografia, Filosofia

e Religião, com turmas de 6° ao 8°. No princípio foi um grande desafio lecionar para adolescente, tinha um certo medo de errar os conteúdos e ficava me perguntando como eu ia conseguir a atenção deles e o respeito? Sendo assim, eu precisava conversar com alguém que fosse professora para me ajudar. Então, eu sempre falava com minha mãe. Relatava as coisas que ocorriam na sala e aula, ela como sabia e com experiência, me direcionava para o caminho certo.

No ano seguinte veio nova oportunidade de lecionar em uma escola do estado chamada: Padre José Maria Biezinger, na qual fica localizada em São Gonçalo do Amarante. Nessa escola o desafio foi bem maior, pois eram turmas maiores do 6° ao 9° e ensino médio. Existiam os contextos sociais diferenciados, era uma escola localizada em um bairro tido como perigoso e que alguns alunos eram usuários de drogas. Mas uma vez, falei com minha mãe sobre isso, ela com sua experiência me disse que eu tinha que respeitar a todos independentes do que eles são fora da escola.

Seguindo as orientações da minha mãe consegui o respeito e carinho de todos, trabalhei por dois anos nessa escola. Durante o tempo que fiquei percebi que a profissão de professor vai muito além da sala de aula. Quando eu deixar de trabalhar no Biezinger, foi trabalhar em uma escola de educação infantil, conhecida como Sorriso da Criança, localizada no bairro Nossa senhora da Apresentação, com as turmas de 1 ano e 3 anos. Nessa escola só fiquei 7 meses, pois deu início ao meu TCC não tinha como ficar na escola o dia todo. A experiência com educação infantil foi tranquila, mas não me identifiquei em lecionar para criança.

Em 2011 eu me formei em História, porém não estava mais em sala de aula. As oportunidades de trabalhar com educação ficaram mais difíceis depois que me formei, então passei a trabalhar na CEASA como chefe de portaria. No início, mesmo não estando trabalhando com educação, procurei fazer uma pós-graduação em psicopedagogia no Instituto de Ensino Superior

natalense, depois passei em outra pós-graduação no IFRN, porém não consegui concluir e nem mais trabalhar. Dava início a uma fase difícil que foi depressão. Nesse momento tive que parar todos os meus projetos, sonhos para cuidar de mim. Três anos depois em 2014 voltei para fazer outra pós em Docência e ensino superior na Estácio, mas também não consegui concluir.

Em 2015 voltei a lecionar em uma escola particular na zona norte de Natal, chamada CAde, nessa instituição aprender muito como profissional e como pessoa. Entrei na instituição para lecionar 9 aulas de artes, lembro que o coordenador me disse: professora plante sua semente que você vai longe aqui. Segui o conselho dele, e ano seguinte eu estava trabalhando nas três unidades do CAde, como professora de História e Artes, com as modalidades de Ensino Regular, EJA e a Distância -EAD. Em 2018 por motivos pessoais pedi demissão, voltei a morar em Pedro Avelino RN.

Durante meu percurso no CAde me deparei com realidades muito diferentes. Já de cara aprendi a ter um olhar diferenciado com os alunos da EJA, pois o diretor geral da instituição, sempre nos falava da importância de termos esse olhar mais humano para a EJA. Diante de toda a experiência vivida nas escolas em natal, pude trazer isso para realidade das escolas municipais de Pedro Avelino que trabalhei. Em 2018 ao chegar em Pedro Avelino fui chamada para trabalhar na escola municipal cônego Antônio Antas com o Mais educação, e no ano seguinte fui chamada para dar aulas em outra escola do município com professora de História e Artes, na escola Raimundo Cavalcante. Em 2019 dei início a pós-graduação psicopedagogia clínica e institucional, que conclui em 2021, dei início ao Mestrado em Educação, que no momento estou cursando.

Atualmente posso dizer que a nossa profissão não é apenas ensinar aos alunos, mas também aprender com eles seu dia a dia, sua vivência, somos exemplos a serem levados. Sabemos da realidade das nossas escolas e como está difícil lecionar atualmente, sei também que precisamos muito acreditar que

podemos melhorar nossas crianças, que a educação será sempre uma nova chance para sermos melhores no amanhã.

Fonte: relato descrito pela autora 2023.

### Terceiro relato

#### Quadro nº 03 - Professora C

No ano de 1984, conclui o curso profissionalizante do Magistério, no mesmo ano, fiz o concurso público da Secretaria de Estado da educação e Cultura, do Estado do Rio Grande do Norte. E, no ano de 1985 fui convocada para assumir a função e fui trabalhar como professora polivalente na Escola Estadual Professor Abel Furtado- Ensino Fundamental Anos iniciais, em Pedro Avelino, onde lectionei durante 16 anos em todas as séries (1 a 4). E, no ano de 1999, ingressei na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte -UERN pelo processo seletivo do Programa PROFORMAÇÃO, que ministrava as aulas aos sábados, feriados e períodos de férias.

No ano de 2000, a pedido fui removida para a Escola Estadual Paulo VI, Ensino Fundamental-Anos iniciais e Finais, localizada em Pedro Avelino/RN, no mesmo bairro onde moro, ficando próximo da minha residência, fato que motivou o pedido de remoção, lectionei com turmas ( 4ª série), durante 2 anos. Na medida em que eu trabalhava, permanecia cursando a universidade, e no final de 2002, conclui a graduação no curso de Pedagogia.

No ano de 2003, fui convidada para assumir o cargo de vice-diretora da Escola Estadual Professora Josefa Sampaio Marinho - Ensino Fundamental e Médio, e atuei no referido cargo até o final de 2004. A governadora do Estado do Rio Grande do Norte, Vilma de Farias, publicou a Lei de Provimentos e cargos para gestores das escolas com duração de 2 anos, através de eleição direta com a participação de todos da

comunidade escolar, ou seja, pais, alunos acima de 12 anos, professores e funcionários.

Portanto, participei como candidata a diretora era chapa única, e fui eleita, a primeira diretora no processo de gestão democrática e participativa do município de Pedro Avelino/RN. Portanto, conclui o primeiro mandato em 2007 e decidi me candidatar à reeleição, como era chapa única, novamente, fui reeleita para assumir o cargo de gestora da referida escola por mais 2 anos, permanecendo até 2009, foi quando terminou o período da gestão. Assim, no decorrer da gestão realizei várias ações pedagógicas, projetos e aulas de campo com passeios a alguns pontos turísticos do Estado, tais como Museu Café Filho, Forte dos Reis Magos, Museu Câmara Cascudo, todos em Natal e ao Lajedo Soledade em Apodi.

No entanto, com todas essas ações, a escola obteve um resultado excelente na avaliação externa do IDEB. Dessa maneira, conclui a minha gestão deixando um projeto aprovado pelo MEC, para a reforma da escola. Portanto, no percurso da gestão da escola, surgiu a oportunidade de cursar uma Especialização em Gestão Escolar, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, na modalidade a Distância e conclui em 2008, e no período de 2010 a 2015, lecionei as disciplinas de Ciências e Ensino religioso (6º ao 9º ano).

Por trabalhar só em um vínculo no estado, resolvi trabalhar em outro vínculo na prefeitura, na escola Municipal Raimundo Cavalcanti- Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, assumindo as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa (6º ao 9º Ano), nos anos de 2010 e 2011. E, em 2012 fui nomeada para o cargo de vice-diretora da Escola Municipal Cônego Antônio Antas - Ensino Fundamental- Anos Iniciais e EJA, onde foi possível vivenciar experiências com os alunos dessa modalidade de ensino.

No ano seguinte, em 2012, por meio do Secretário Municipal de Educação do município de Pedro Avelino, fui exonerada do cargo de vice-diretora para assumir, a direção de 6 escolas o

Centro Educacional Municipal Alba Bezerra Antas, todas situadas na zona rural, sendo a sede da gestão na zona urbana, e permaneci até 2016. Por estar atuando na gestão escolar, obtive uma vaga para cursar a segunda Especialização em Políticas Para Promoção Étnico Racial nas Escolas Públicas, pela Universidade Federal do Semiárido- UFERSA/ Mossoró/RN.

Em 2016, foi feito um realimento pela 8ª DIREC/ Angicos, e fui devolvida para a Escola Estadual Professor Abel Furtado- Anos Iniciais, porque precisava assumir uma turma (4º Ano), no Ensino Fundamental, possui habilitação no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e por esse motivo a legislação federal, Lei. 9394/96- LDB, não me permitia que continuasse lecionando em área específica, passei 4 meses nessa escola e retornei a convite da diretora da 8ª DIREC, para assumir a coordenação pedagógica na Escola Josefa Sampaio Marinho-Ensino Fundamental- Anos Finais, Ensino médio e Técnico Profissional, ficando 2 anos no cargo, até ser publicado a minha aposentadoria. No ano de 2017, participei do processo seletivo para professor substituto no município de Lajes, fui convocada e assumi uma turma (5º Ano), foi uma experiência maravilhosa, trabalhar em outro contexto escolar. Enfim, no final de 2018, foi publicada a aposentadoria a pedido, por tempo de serviço na rede estadual, com 33 anos e 2 meses na educação.

No primeiro ano de aposentada fiquei em casa com as atividades domésticas e não me senti bem. Então, resolvi participar de outro processo seletivo no município de Guamaré, para o cargo de coordenação pedagógica do Projeto de Arte/ PROARTE, foi uma experiência magnífica, pois funcionava diversas oficinas: Dança, Música, Violão, Guitarra, Bateria, Violino e Instrumentos de Sopro, trabalhei 2019 e início de 2020, foi quando no mês de março, começou a pandemia do Covid-19, e foi preciso haver isolamento social. No entanto, ao retornar para casa, permanecemos trabalhando de forma remota e resolvi voltar a estudar, dessa vez um curso a nível de mestrado em uma



instituição particular, que por causa do momento pandêmico fomos obrigados a termos aulas no formato remoto/online.

Atualmente, estou trabalhando novamente, pela Empresa Coopedu, prestando serviços na Escola Municipal Raimundo Cavalcanti- Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, no cargo de coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental -II.

Fonte: relato descrito pela autora 2023.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho abordamos o tema: Práticas Docente: relatos de experiências pertinentes, onde foram apresentadas questões voltadas às experiências dos professores que vivenciam em sala de aula. Como o os saberes construídos desde sua formação acadêmica, assim como os saberes em sala de aula. A partir do desenvolvimento do assunto foi possível compreender as dificuldades que os docentes passam no seu dia a dia.

Portanto, a participação do professor, coaduna no processo intermediação das práticas docentes e do conhecimento propiciado um melhor aproveitamento na absorção dos saberes, tendo em vista a necessidade de uma atenção diferenciada conforme a necessidade do seu cotidiano, tendo de suma importância a comunicação com a comunidade na qual o professor está inserido.

Este trabalho foi de fundamental importância para uma melhor compreensão nos aspectos e na construção dos saberes e suas experiências, pertinentes aos desafios enfrentados pelo educador nas práticas inclusivas, além do já supracitado, nos permitiu aperfeiçoar e transformar o dia a dia do profissional, avaliando e tornando processo de ensino uma função prazerosa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guenther Carlos Feitos. *Experiência e pratica docente: diálogos pertinentes*. Buenos Aires, 15 de novembro de 2010.

CARDOSO, Beatriz: *Ensinar: Tarefa Para Profissionais*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de professores: identidade e saberes da docência*.in: pimenta, Selma garrido. (Org.).*Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez editora, 1999.

TARDIF, Maurice: *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes,2002.



## CAPÍTULO 05

### ENSINO ANTIRRACISTA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS COM FILME E/OU DOCUMENTÁRIO

Francisca Vilani de Souza

#### RESUMO

O racismo é identificado como teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre raças e etnias. Bem como, doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça, considerada pura e superior de dominar outra. Logo o antirracismo é uma ideologia contrária ao racismo, que se opõe a qualquer prática racista, de discriminação e de segregação racial. Este estudo tem como objetivo apresentar sugestões de atividades didáticas através de filmes para o ensino antirracista. O cinema é uma criação artística que tem atravessado gerações sem perder sua capacidade de encantar e prender a atenção de crianças, jovens e adultos. É uma pesquisa qualitativa, descritiva e documental. Está fundamentada em Duarte (2002), Lopes e Silva (2015), Napolitano (2003), Soares (2009) entre outros. Para construir um ensino antirracista é importante desenvolver ações na formação docente. Construir diálogo e valorização da cultura negra. Participação dos estudantes com motivação. Conhecer os indicadores referentes ao acesso e permanência da comunidade negra na escola, bem como desnaturalizar o racismo. Aqui são destacados para reflexão os filmes: Vista minha pele, faça a coisa certa, cafundó e o documentário Raça - Humana. E a partir deles utilizar a produção de resenha crítica, carta argumentativa, artigo de opinião, discurso religioso para refletir, discutir e combater o racismo e fomentar o antirracismo na escola e na sociedade. E, assim construir um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos que são os letramentos. Uma vez que o filme faz parte da cultura brasileira e grande parte dos estudantes têm acesso a ele, de forma convencional ou não.

**Palavras-chave:** atividades didáticas; letramento; filme; antirracismo.

## INTRODUÇÃO

É necessário que o corpo docente tenha a oportunidade de compreender mais sobre a pertinência do filme na prática pedagógica. E espera-se que a discussão apresentada nesse artigo possa contribuir para o melhoramento do fazer docente. Atualmente, o termo letramento(s) é utilizado para falar sobre a multiplicidade de práticas letradas no contexto social. Com a evolução das tecnologias, aumentaram as possibilidades de manuseio das ferramentas digitais.

O filme conota uma multiplicidade de linguagens, representações sociais e culturais diversas que podem nortear a discussão em sala de aula e auxiliar na construção de habilidades leitoras diferentes das convencionais. E, assim, as práticas pedagógicas contemporâneas que apostam na capacidade de ressignificação da leitura e escrita, com vistas a inserção social e atuação em eventos significativos por meio de linguagens variadas, se voltam para a formação de um leitor em potencial.

Este estudo tem como objetivo apresentar sugestões de atividades didáticas para o ensino antirracista. Quanto a abordagem é uma pesquisa qualitativa. Para Richardson (2007) essa abordagem pode ser definida como a que fundamenta principalmente em análises qualitativas. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Bem como as crenças, os valores e as relações humanas de determinado grupo social. Essa abordagem oferece três possibilidades de realizar a análise: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

Quanto aos objetivos essa pesquisa é descritiva. Triviños (1987), esclarece que esse tipo de pesquisa descreve com exatidão os fatos e fenômenos da realidade. Quanto aos instrumentos de coleta de dados é uma pesquisa documental. Essa abordagem é semelhante à pesquisa bibliográfica. No entanto utiliza de documentos como fontes de investigação. Essas fontes podem ser encontradas em jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais,

filmes, fotografias, entre outros. Nesse estudo foi utilizado o filme como fonte de coleta de dados.

A base teórica está fundamentada em Duarte (2002), Lopes e Silva (2015), Napolitano (2003), Soares (2009) entre outros.

## 1. LETRAMENTO (S) E ENSINO ANTIRRACISTA

O termo letramento começou a ser visualizado e discutido a partir dos anos 80. Logo, no século XXI continua ganhando destaque por especialistas da área linguística e educacional. É um fenômeno complexo que envolve novas formas de interação social do sujeito por meio da escrita. No entanto, as constantes transformações tecnológicas tornaram-se propulsoras de novas formas de interação e compartilhamento de saberes, conforme afirmam Vilaça e Araújo (2016, p.18):

(...) . As redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários, (...), opinem, reivindicuem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São novas maneiras de compartilhar, usufruir e fazer parte da sociedade em que vivem.

Logo, as pesquisadoras Kleiman (1995) e Soares (2004) se empenharam em sintetizar as ideias de outros estudiosos, destacando-se aqui, Tfouni e Mary Kato, no que se refere ao aspecto social da escrita, com o intuito de formular um conceito para propagar a abrangência do termo “letramento”. No entanto, a definição inicial veio por meio “da tradução da palavra inglesa *literacy*, já empregada pelos ingleses para designar, desde a década de oitenta, a condição de ser letrado” (SOARES 2009, p.35). Condição que se distancia de alfabetizado, pois compreende, de acordo com a autora, a competência de fazer uso da escrita habitualmente.

Nesse contexto uma definição de letramento como “conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos.” (SOARES 2009, p.19). Para a autora, o sujeito que frequenta a escola não está alheio às práticas sociais de leitura e escrita, pois o contexto em que está inserido, a família, as instituições religiosas, os meios de comunicação e tudo o mais que ele tem acesso, se utiliza desse “sistema simbólico” com diferentes formatos trabalhados intencionalmente para criar ou modificar determinados comportamentos e conceitos no seu público.

Mesmo assim, a autora explica que formular uma definição para o letramento não é simples, enfatizando que:

(...) dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (SOARES 2009, p.65).

Kleiman (1995), ao conferir essa ideia de construção e reconstrução do conceito ao longo dos anos, argumenta que esse, dependeria do tipo de pesquisa elaborada, bem como do público-alvo e do que se pretendia averiguar. De acordo com ela, o conceito de “letramento” pode representar, para alguns (...) “A capacidade de refletir sobre a própria linguagem de sujeitos alfabetizados *versus* sujeitos analfabetos” e, para outros, (...) “uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa.” (KLEIMAN 1995. p.18)

## **2. RACISMO X ANTIRACISMO**

O racismo é identificado normalmente como um conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e

entre as etnias. Ou ainda como uma doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça, considerada pura e superior, de dominar outra. Muito presente nas escola está racismo estrutural que é reconhecido como a naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro, e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial.

Para superar tais situações hoje há uma discussão bem acalorada. No entanto, de um pequeno grupo de estudiosos sobre o antirracismo, que é uma ideologia contrária ao racismo, que se opõe a qualquer prática racista, de discriminação e de segregação racial. Portanto, para construir o ensino antirracista é necessário, entre outras ações:

- Formação docente para uma educação antirracista.
- Diálogo e valorização da cultura negra
- Participação estudantil como ferramenta de motivação
- Conhecer os indicadores referentes ao acesso e permanência da comunidade negra na escola.
- Desnaturalizar o racismo.

Nesse sentido, é necessário se informar para combater o racismo. Portanto, dar espaço e ouvir o que a população negra tem a dizer e saber o que está sendo discutido e pesquisado sobre o assunto. Bem como, reconhecer a existência do racismo e não o tornar um tabu. E ainda, não acreditar na ideia da democracia racial que defende que a miscigenação foi um processo harmonioso e que invisibiliza a violência sofrida por pessoas negras.

Portanto, repense atitudes e formas de falar que trazem um preconceito enraizado, e, portanto, questione e analise aquilo que é visto como natural. O racismo no Brasil é estrutural, isto é, ele está tão enraizado na cultura e no sistema que é normalizado e pode passar despercebido. No Pequeno manual antirracista, a autora Djamila Ribeiro, ( 2019) destaca que é preciso tirar o racismo da invisibilidade. “Frases como “eu não vejo cor” não ajudam. O problema não é a cor, mas, seu uso como justificativa para segregar e oprimir. Pensar na sua linguagem e se algum termo que você



utiliza é racista e nunca foi tinha percebido. Por exemplo, expressões como “ela é negra, mas é bonita” ou “negro de alma branca”, e palavras como denegrir, mercado negro ou criado-mudo carregam um teor preconceituoso.

“Nós, brasileiros”, dizia-nos um branco, “temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social.” muitas respostas negativas explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por essa fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial. Grifo da autora. (RIBEIRO, 2015, p.20)

É urgente colaborar para construir uma educação antirracista. Há um marco legal desde 2003, que é lei 10639/2003 que torna obrigatório o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira na escola. Essa lei colocou em pauta o que muitos livros didáticos invisibilizavam como a história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura e o papel do negro na formação da sociedade nacional.

O Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Apesar da lei estar focada no Ensino Fundamental e Médio, é necessário trabalhar uma Educação antirracista desde cedo na escola ao longo de todo o ano letivo. A escola é um dos piores lugares para a criança negra: quando ela começa a aprender sobre

história, descobre que os negros chegaram ao Brasil como seres infelizes, cativos, que vieram para servir aos brancos.

No entanto, essa lei continua invisível. É preciso refletir sobre a própria prática pedagógica e analisar de que forma você, educador tem contemplado a valorização da diversidade e a discussão das relações étnico raciais.

### **3. FILME COMO ATIVIDADE DIDÁTICA**

Com a evolução tecnológica, o cinema encontrou novos suportes e ferramentas como aplicativos e sites, que o projetaram ainda mais para o cotidiano daqueles que tem acesso à internet. É fácil escolher o tipo de filme de acordo com os próprios interesses e assistir onde e quando quiser.

Essa gênese remete ao final do século XIX em Paris e, de forma singular, já nasce provocando curiosidade e encantamento em seus espectadores: “Eram filmes curtos, com cerca de 50 segundos cada, que retratavam cenas do cotidiano da cidade.” (DUARTE, 2002, p.23). Na busca por aperfeiçoamento da técnica e utensílios, e com a possibilidade de exibição documental de elementos culturais, sociais e naturais cada vez mais sofisticados, o filme foi conquistando categorias, passando de instrumento de pesquisa acadêmica para o âmbito científico, e pelos meados do século XX alcançava um público notável de espectadores atraídos pelos filmes de ficção. Consequentemente, o cinema ganha relevância mundial enquanto entretenimento e indústria.

No Brasil, segundo Duarte (2002), o cinema estreou após sua exibição em Paris, e seguiu o mesmo padrão, focando na produção de documentários. Mais tarde, conseguiu se desenvolver de maneira estrutural, voltando-se ora para a ficção, ora para o real, não raro trazendo para a tela “a desigualdade social, a fome e a miséria em que viviam os brasileiros” (DUARTE, 2002, p.35).

Napolitano (2003) esclarece que através filmes o professor pode trabalhar com atividades didáticas. Logo, é preciso observar alguns critérios como a faixa etária dos alunos e a faixa indicativa

do filme, ter o cuidado de preparar tecnicamente o ambiente com os dispositivos necessários, e se certificar que a temática é apropriada e pertinente ao contexto social desses alunos, a fim de evitar choque cultural e de valores.

Portanto, desenvolver habilidades mais dinâmicas que, a exemplo do que cita a BNCC (2017, p.70), pode se dá através de várias formas de interação como acompanhar, publicar ou comentar em páginas de *blog*, *twitter*, *facebook*, além de incentivar a produção de *playlists*, *vídeos-minuto*, dentre outras.

Práticas pedagógicas contemporâneas apostam na capacidade de ressignificação da leitura e escrita, bem como a inserção social e atuação em eventos significativos a fim de acessar, reinventar, e reconstruir e discutir o que outros já desenvolvem tais ações.

Napolitano, (2003) esclarece que enfatizar o filme como atividade didática é ajudar sociedade a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. No referido estudo acrescenta -se as discussões necessárias para se trabalhar o antirracismo na escola e propagar para a sociedade.

#### 4. SUGESTÕES FILMES E ATIVIDADES PARA DISCUTIR O ANTIRRACISMO

##### 1) Vista minha pele

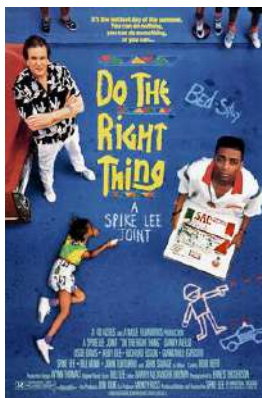


O filme traz uma inversão da realidade das relações raciais brasileiras. Ou seja, a história mostra os negros como a classe dominante e os brancos com um histórico de escravização. Os países pobres são, por exemplo, Alemanha e Inglaterra. E os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique. A protagonista é Maria, uma menina branca pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa de estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira na escola.

A garota é constantemente hostilizada por sua cor e por sua condição social. Maria quer ser Miss Festa Junina da escola e, por isso, enfrenta todo preconceito dos colegas por conta de sua estética fora do padrão socialmente aceito. Desta forma, a menina, junto com sua melhor amiga, vai passar por um processo de enfrentamento à discriminação racial que é evidente na escola.

Sugestão de atividade: Com base no filme produza uma *resenha crítica* na qual você destaque importância de combater o racismo, o preconceito e a discriminação.

2) Faça a coisa certa



Sal (Danny Aiello), um ítalo-americano, é dono de uma pizzeria em Bedford-Stuyvesant, Brooklyn, (lá também há um armazém cujos donos são coreanos). Com predominância de negros e latinos, é uma das áreas mais pobres de Nova York. Sal é um cara boa praça, que comanda a pizzeria juntamente com Vito

(Richard Edson) e Pino (John Turturro), seus filhos, além de ser ajudado por Mookie (Spike Lee), um funcionário.

Sal cultua decorar seu estabelecimento com fotografias de ídolos ítalo-americanos dos esportes e do cinema, o que desagrade sua freguesia. No dia mais quente do ano, Buggin' Out (Giancarlo Esposito), o ativista local, vai até lá para comer uma fatia de pizza e se desentende com Sal por não existirem negros na "Parede da Fama" dele. Sal retruca dizendo que esta parede é só para ítalo-americanos e se Buggin' Out quer ver fotos dos "irmãos" que abra sua própria pizzaria. Notando que não vê nenhum italiano para proteger Sal, Buggin passa o resto do dia tentando organizar um boicote contra a pizzaria.

Este incidente trivial é o ponto de partida para um efeito dominó, que vai gerar vários problemas. Um desentendimento com Mookie o leva a enfrentar uma série de mal-entendidos, que resultam em pancadaria. A polícia chega ao local e acaba matando um dos fregueses, transformando a confusão em tragédia.

Sugestão de atividade: Escreva um artigo de opinião para discutir o genocídio da população negra, bem como as condições de subemprego e de violação de direitos dos negros e afrodescendentes.

### 3) Documentário Raça Humana

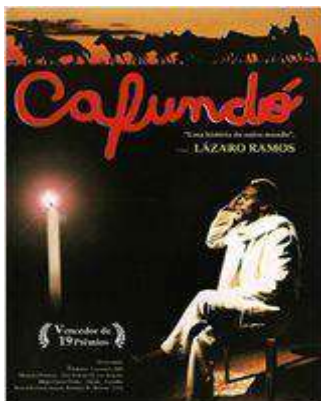


País da miscigenação apregoado por Gilberto Freire e Darcy Ribeiro se vê com uma questão espinhosa: as cotas raciais nas universidades. Para falar sobre um assunto considerado tabu, o documentário “Raça Humana” ouve alunos cotistas e não-cotistas, professores, movimentos organizados e partidos políticos. Aos poucos, questões seculares e mal resolvidas da história do Brasil ressurgem, tendo como pano de fundo a discussão das cotas.

“Raça Humana” foi vencedor da categoria Documentário, na 32ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em 2010. Esclarecendo que, todos os direitos autorais pertencem a TV Câmara. Falar de racismo no Brasil já era tabu, falar de cotas, então, se transformou num daqueles temas sobre os quais é melhor nem iniciar conversa, a menos o assunto esteja em espaço onde todos são favoráveis ou todos contrários. Aí, sim, dá para desabafar os inconformismos, de um lado e de outro.

Sugestão de atividade: Escreva uma carta argumentativa para o poder legislativo questionando a ausência de pessoas negras em cargos públicos.

#### 4) Cafundó



Gênero: ficção. Tempo de duração: 102 min. Ano e país de lançamento: 2005, Brasil. O filme é uma obra de ficção inspirada na trajetória de vida do personagem real João de Camargo, considerado o último preto velho vivo. O filme se passa em

Sorocaba (interior de São Paulo), e tem início no século XIX ainda durante o período da escravidão.

João de Camargo nasce escravo e ao ganhar a alforria vai tentar a vida na cidade grande. Desde cedo ele possuía um chamado espiritual, até que em determinado momento de sua vida ele decide abraçar sua vocação, funda a igreja do nosso Senhor do Bonfim da água vermelha e se torna uma referência em toda região.

Sugestão de atividade: Produza um discurso “religioso” que exalte a cultura afro-brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que é significativo ao usar a estratégia do filme como atividade didática. Apesar disso, pode-se dizer que as habilidades de letramento (s) na sala de aula se constituem como estratégias para formação acadêmica dos educandos. E, assim aprimorar as práticas de inserção social. Dessa forma, se faz necessário aprofundar os estudos como forma de preencher uma lacuna necessária por parte dos docentes, das concepções teóricas contemporâneas que focam a formação do aluno com vistas à inserção efetiva em práticas sociais.

Considerando esses pontos, é importante repensar as estratégias de ensino adotadas em sala de aula, vislumbrando possibilidades de melhoramento das atividades desenvolvidas. A abordagem pedagógica do uso de filmes por sua vez, situa-se dentro dessas práticas e pode ser utilizada sob diferentes enfoques, haja vista as mudanças que se operam na sociedade e na educação como um todo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Mercado de Letras, 1995.

LOPES, Juliana Serzedello Crespim & SILVA Caroline Felipe Jango da. **Sugestões de filmes e atividades para abordar a História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena na sala de aula**. NEABI, instituto Federal de São Paulo, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o Cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: Métodos e Técnicas. 3. ed, São Paulo: Atlas, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. 287 p.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. **Tecnologia, sociedade e educação na era digital**. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2016.



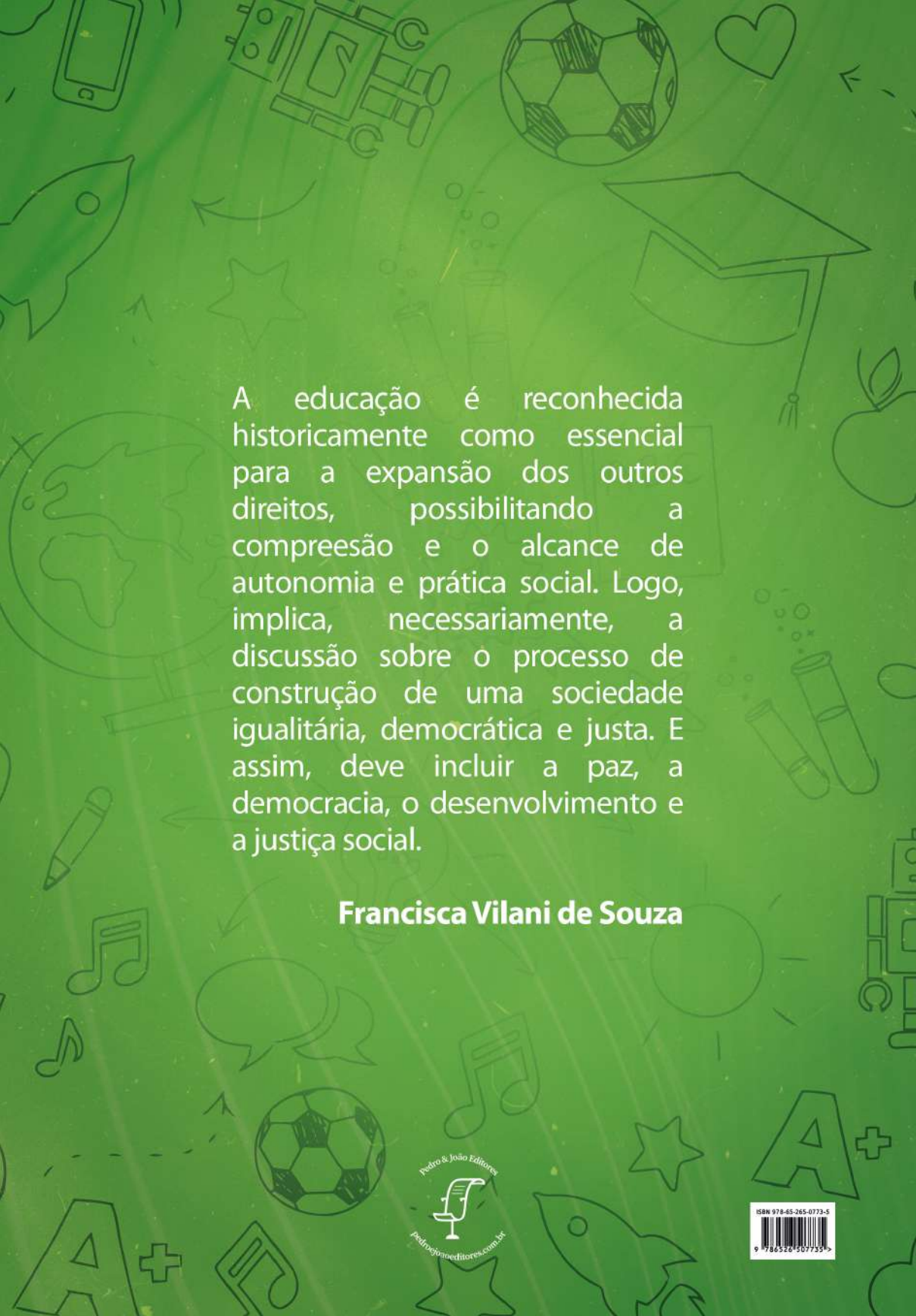


## ORGANIZADORA



### **FRANCISCA VILANI DE SOUZA**

Doutora em Ciências da Educação - Universidad Internacional Tres Fronteras - UNINTER Assunção /PY (2018). Objeto de estudo: Construção de Identidade e Formação Docente. Mestra em Ciências da Educação - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT/ Lisboa/ PT (2013) e Universidade Federal do Ceará -UFC - Objeto de estudo Cotas Sociais: igualdade de direitos ou dívida social? Especialização em Ciências da Educação - Faculdade de Teologia Integrada - FATIN/PE (2011). Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - UERN (2003). Graduada em Letras UERN (2001). Graduada em Pedagogia - UNICESUMAR (2021). Docente do quadro Efetivo da SEEC/RN (1990). Experiência no Ensino Superior nos Programas de Formação Docente – PROFORMAÇÃO e Pedagogia da Terra. (2003-2010) – UERN. Professora com contrato Temporário (2007-2017) UERN. Docente no Programa Abdias Nascimento - CAADIS/UFERSA (2018). Assessora Pedagógica NEAD/UFERSA (2018 -2019). Atualmente Docente (Visitante) World University Ecumenical – WUE e Bolsista CAPES – DEAD (UERN). Membro do Grupo de Estudo em Análise do Discurso da UERN - GEDUERN. Membro do Conselho Editorial da Revista Elite (ISSN - 26755718) e Revista Formação (ISSN - 25962590). Atualmente estuda sobre Ações Afirmativas, Ensino Antirracista, memórias e relações de poder.



A educação é reconhecida historicamente como essencial para a expansão dos outros direitos, possibilitando a compreensão e o alcance de autonomia e prática social. Logo, implica, necessariamente, a discussão sobre o processo de construção de uma sociedade igualitária, democrática e justa. E assim, deve incluir a paz, a democracia, o desenvolvimento e a justiça social.

**Francisca Vilani de Souza**